



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM

NÍVEL MESTRADO

**A LINGUAGEM ENUNCIATIVA E MULTIMODAL DO COMUNICADOR CHACRINHA,
DURANTE A DITADURA**

Maria Lígia Ramos Bezerra Cavalcanti

**Recife
2020**

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM
NÍVEL MESTRADO

A LINGUAGEM ENUNCIATIVA E MULTIMODAL DO COMUNICADOR CHACRINHA,
DURANTE A DITADURA.

Maria Lígia Ramos Bezerra Cavalcanti

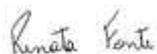
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL) da UNICAP, sob a orientação da Prof.^a. Dr^a Renata Fonseca Lima da Fonte e a coorientadora Prof.^a. Dr^a Isabela Barbosa do Rêgo Barros

**Recife
2020**

A LINGUAGEM ENUNCIATIVA E MULTIMODAL DO COMUNICADOR CHACRINHA,
DURANTE A DITADURA.

Maria Lígia Ramos Bezerra Cavalcanti

Examinadores:



Profa. Dra. Renata Fonseca Lima da Fonte (Orientadora)
Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP



Profa. Dra. Isabela Barbosa do Rêgo Barros (Coorientadora)
Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP



Profa. Dra. Nadia Pereira da Silva Gonçalves de Azevedo
Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP



Prof. Dr. Paulo Vinícius Ávila Nobrega
Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Jesus por ter me dado a oportunidade de vivenciar com saúde este momento tão importante.

Aos meus pais, Jorge (in memorian) e Lígia (in memorian), pelo amor que nunca me faltou e por sempre terem me incentivado a leitura e a escrita desde a tenra idade.

Aos meus filhos: Rafaela, Juliana e Fernando. Meus genros Gustavo e Marcelo e minha nora Gabriela. Aos meus netos, Lucas, Maria Laura, Gabriel, Maria Clara e Mateus pelo incentivo do amor que não cabe no meu coração.

Aos meus queridos irmãos: Fátima, Cristina, Roberto e Paulo por participarem dos meus sonhos com alegria.

A doutrina espírita por ter nascido em seu berço esclarecedor e de esperança.

A Universidade Católica de Pernambuco que me concedeu uma bolsa de estudos e a seu corpo docente que me acolheu e me ensinou com sabedoria o universo linguístico.

Aos amigos verdadeiros: D Sonia Gonçalves pelo incentivo e pela vibração positiva; Cirana Vasconcelos pela paciência em me ouvir nos momentos difíceis; Mônica Lyra por me incentivar ao caminho das Ciências da Linguagem; Danielle Mendes de Oliveira que sempre me recebeu com um sorriso acolhedor na secretaria da Universidade e alguns outros amigos que de uma forma presente ou distante torceram por mim.

As minhas orientadoras: Renata da Fonte e Isabela do Rego Barros pelos ensinamentos e pela dedicação.

A professora Nadia Azevedo e o professor Paulo Ávila pelo carinho em analisar conosco a linguagem enunciativa e multimodal do Chacrinha

E por fim, agradeço ao Chacrinha (in memorian) e a Benveniste (in memorian) que estiveram juntos na minha trajetória como pesquisadora para que pudesse adentrar no mundo da linguagem com entusiasmo e sapiência.

RESUMO

O objetivo geral deste estudo foi analisar a linguagem enunciativa e multimodal do comunicador de TV Chacrinha, em seu programa de auditório exibido pela Rede Globo, na década de 1980. Trata-se de um programa veiculado na televisão brasileira no período da Ditadura Militar sob a presidência de João Baptista de Oliveira Figueiredo quando não existia a liberdade de expressão no país. Esta pesquisa mostra sua relevância por se tratar de uma análise linguística em enunciados tidos como inusitados, irreverentes e cômicos, mas que, ao mesmo tempo, apresentavam-se revestidos de aspectos semânticos implícitos e recursos multimodais. Desta feita, fizemos uma análise sobre a linguagem do comunicador Chacrinha em quatro de seus programas veiculados na Rede Globo de Televisão: o primeiro programa 'Cassino do Chacrinha', gravado em 1982, e os demais em 1985, 1987 e o último programa em 1988, a fim de identificar os elementos dêiticos pessoais da linguagem de Chacrinha; analisar os aspectos enunciativos e multimodais da fala do Chacrinha e descrever os aspectos multimodais da linguagem do apresentador utilizando a abordagem enunciativa da teoria de Émile Benveniste (2005, 2006). Além dos estudos da multimodalidade de David McNeil (1985, 1992) sob o olhar indissolúvel da linguagem oral e gestual. A natureza desta pesquisa é qualitativa do tipo documental, uma vez que se deu um novo tratamento analítico, a oito gravações de um programa de televisão. A metodologia utilizada para atender aos objetivos almejados realizou-se por meio da transcrição audiovisual dos programas selecionados, mediante a identificação dos elementos dêiticos da linguagem, bem como os aspectos multimodais da relação gesto-fala apresentadas como uma mesma matriz de significação. Desse modo, esta pesquisa não só contribuiu aos estudos enunciativos e multimodais no campo das Ciências da Linguagem como também foi relevante socialmente no que concerne a análise da linguagem de um comunicador, lembrado até hoje como um marco na história da televisão brasileira, numa época de repressão cultural e social.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem. Enunciação. Multimodalidade

ABSTRACT

The general objective of this study was to analyze the enunciative and multimodal language of the Chacrinha TV communicator, in its auditorium program broadcasted by Rede Globo, in the 1980s. It is a program broadcasted on Brazilian television during the military dictatorship under the president of João Baptista de Oliveira Figueredo when there was no freedom of expression in the country. This research shows its relevance because it is a linguistic analysis in statements considered as unusual, irreverent and comical, but which, at the same time, were coated with implicit semantic aspects and multimodal features. This time, we made an analysis of the language of the communicator Chacrinha in four of his programs broadcasted on Rede Globo television: the first program 'Casino do Chacrinha', recorded in 1982 and the others in 1985 , 1987 and the last program in 1988, in order to identify the deictic elements. personalities of Chacrinha language; to analyze the enunciative and multimodal aspects of Chacrinha's speech and to describe the multimodal aspects of the presenter's language using the enunciative approach of Émile Benveniste's theory (2005, 2006). In addition to the studies of the multimodality of David McNeill (1985, 1992) under the indissoluble gaze of oral and sign language. The nature of this research is qualitative of the documentary type, since a new analytical treatment was given to eight recordings of a television program. The methodology used to meet the desired objectives was accomplished through the audiovisual transcription of the selected programs, through the identification of the deictic elements of language, as well as the multimodal aspects of the gesture-speech relationship presented as the same meaning matrix. Thus, this research not only contributed to the enunciative and multimodal studies in the field of Language Sciences, but was also socially relevant regarding the language analysis of a communicator, remembered until today as a milestone in the history of Brazilian television, in a time of cultural and social repression.

Keywords: Language. Enunciation. Multimodality

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
1.1 A SUBJETIVIDADE DA LINGUAGEM: CONSTITUIÇÃO DO HOMEM NA LÍNGUA E NA LINGUAGEM.....	12
1.1.1 A linguagem do sujeito: O eu/Chacrinha e o tu/povo brasileiro.....	17
1.2 ABORDAGEM MULTIMODAL DA LINGUAGEM	25
1.2.1 Atenção conjunta: a tríade olhar/gesto/fala.....	31
1.3 MOMENTO HISTÓRICO DO PANORAMA BRASILEIRO NA DÉCADA DE 1980.....	35
1.3.1 A Ditadura e o cenário brasileiro	35
1.3.2 A televisão brasileira: Um meio poderoso de comunicação de massas velada pela censura.....	41
1.3.3 Velho guerreiro: Abelardo Barbosa versus Chacrinha.....	48
2. METODOLOGIA	54
2.1 TIPOLOGIA DE ESTUDO.....	54
2.2 SELEÇÃO DO OBJETO	55
2.3 PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DE DADOS E CRITÉRIOS DE TRANSCRIÇÃO.....	56
3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
REFERÊNCIAS	84

INTRODUÇÃO

Diversas pesquisas foram realizadas na área das Ciências Sociais, Comunicação Televisiva, Jornalismo e muitas outras sobre o comunicador Chacrinha, a exemplo dos trabalhos recentes de Rohrer (2010) e Santos (2014) na área de comunicação social. No entanto, sob a ótica da linguística não se obteve muitos estudos da linguagem do comunicador. Dessa forma, pode-se considerar esta pesquisa até certo ponto inusitada, visto que, está em uma área cujo tema ainda foi pouco explorado.

Abordaremos a linguagem de um comunicador de televisão que vivia uma época em que a liberdade de expressão era cerceada pelo poder político em meio a ditadura militar vivida na década de 1980. O Chacrinha possuía uma linguagem diversificada, irreverente, cômica e alegre nas suas expressões verbais que identificavam o sujeito linguístico juntamente com a multimodalidade em seus olhares, gestos, vestimentas e objetos usados que o diferenciava dos demais apresentadores da televisão brasileira.

Considerado um dos maiores nomes da televisão brasileira, José Abelardo Barbosa de Medeiros, o Chacrinha, nasceu em 30 de setembro de 1917 em Surubim, no estado de Pernambuco e faleceu em junho de 1988. Em 1943, lançou na rádio Clube de Niterói, o programa *Rei Momo na Chacrinha*, que funcionava numa chácara pequena próxima ao Cassino de Icaraí. Daí então ficou conhecido como Abelardo “Chacrinha” Barbosa. No ano de 1982 foi recontratado pela Rede Globo permanecendo na emissora até o ano de seu falecimento em 1988.

A época da veiculação do programa Cassino do Chacrinha era concomitante ao momento histórico da ditadura militar onde a censura prevalecia em todos os meios de comunicação, principalmente na televisão. Desta forma criativa e irreverente de transmitir suas ideias, Chacrinha alcançou o reconhecimento notório do público, seus gestos foram contundentes e sua fala atingia a população de diversas classes sociais. Ele misturava humor, alegria, ironia, risos e lágrimas dentro de figurino espalhafatoso e colorido.

Já dizia o Chacrinha: “eu vim para confundir, não para explicar”; “quem não se comunica, se trumbica”; “vocês querem bacalhau?”; “na televisão nada se cria, tudo se copia”. Essas e outras expressões verbais associadas aos seus gestos faziam do

comunicador um ser único dentro do meio televisivo. As enunciações multimodais como o olhar, o gesto de apontar, o andar de um lado para outro, sua buzina pendurada no pescoço, sua roupa colorida e fantasiada, fizeram parte da performance do Chacrinha, alcançando, assim, grande popularidade.

De acordo com o espetáculo musical intitulado “Chacrinha o musical” onde foi celebrado e homenageado pelo aniversário de 100 anos do Chacrinha e exibido no Teatro Guararapes, Centro Convenções de Pernambuco, no dia 20 de outubro de 2017, interpretado e caracterizado pelo ator Stepan Nercessian, texto escrito por Pedro Bial e Rodrigo Nogueira, foi recriado a vida e obra do Chacrinha e o que mais se percebia era sua singularidade nas apresentações que tanto agradavam a audiência. No entanto, nada disso poderia ser visto se não por intermédio da linguagem que traduz, que induz, que inclui a sociedade no contexto de mundo.

Acima das classes, acima dos grupos e das atividades particularizadas reina um poder coesivo que faz uma comunidade de um agregado de indivíduos e que cria a própria possibilidade da produção e da subsistência coletiva. Este poder é a língua e apenas a língua (BENVENISTE, 2006, p.96).

O sucesso do Chacrinha foi tamanho que hoje podemos encontrar uma vasta bibliografia que traz o personagem como tema nas áreas de Comunicação social, Comunicação visual e televisiva, História e outros estudos nas áreas humanas. Se a linguagem humana é algo que pede tamanha busca e compreensão, vale imaginar, então, a importância do estudo voltado aos enunciados transmitidos através de um veículo de grande alcance como a televisão, com poder de influenciar o comportamento humano.

Sabemos que a língua é transformada por meio da fala e Benveniste contribuiu para este campo da ciência linguística da fala com a teoria da Enunciação trazendo as noções de sentido, de referência e de contexto da linguagem humana na constituição do sujeito que se determina pelo status linguístico de pessoa.

Na realidade, a comparação da linguagem com um instrumento, e é preciso realmente que seja com um instrumento material para que a comparação seja pelo menos inteligível, deve encher-nos de desconfiança, como toda noção simplista a respeito da linguagem...não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a. Não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com um outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem (BENVENISTE, 2005, p.285).

Diante da riqueza da linguagem enunciativa/multimodal do Chacrinha, carregada de gestos e de frases emblemáticas que marcaram sua identidade como um comunicador diferenciado, este estudo partiu do seguinte problema: Que aspectos multimodais e enunciativos são encontrados na linguagem do Chacrinha? Em virtude de tal inquietação, temos como objetivo geral analisar a linguagem enunciativa e multimodal do comunicador na década de 1980 em seu programa exibido na Rede Globo de televisão. E como objetivos específicos, procuramos identificar os elementos dêiticos pessoais da sua linguagem; analisar os aspectos enunciativos e multimodais da sua linguagem; bem como descrever os aspectos multimodais da linguagem do comunicador.

Precisamos ter a percepção, no entanto, que a linguagem tem a força motriz de atingir as suas metas, sejam elas benéficas para o homem ou não. Por isso, devemos apreciá-la com o olhar de um pesquisador no sentido de não “perdermos o fio da meada”, e de termos o controle das observações que necessitam de uma certa imparcialidade para que alcancemos o objetivo maior de analisar cientificamente o objeto de estudo.

A primeira concepção mostrada é a da subjetividade da linguagem. Iniciaremos os estudos através da filosofia de Thomas Kuhn amparada pela ideia dos paradigmas existentes na ciência para discutir os axiomas benvenistianos, partindo do seu lugar de origem: os trabalhos estruturalistas de Ferdinand de Saussure no campo das Ciências da linguagem. Adentraremos na Teoria da Enunciação de Èmile Benveniste, que aborda o domínio da passagem de língua a fala por meio dos elementos dêiticos, ou seja, indicadores representados pelas categorias de pessoa, do espaço e do tempo - que em latim significa Ego, Hic e Nunc. No entanto, daremos ênfase aos estudos enunciativos na categoria de pessoa, pois analisaremos a relação Eu, Chacrinha, e Tu, povo brasileiro.

No segundo momento apresentaremos os aspectos multimodais da linguagem. A linguagem multimodal concebe os gestos e a fala com a mesma matriz de significação na perspectiva sincrônica e indissociável propostas por Kendon (1982) e McNeill (1985,1992,2000), onde focaremos nossas análises nas dimensões gestuais deste último autor, tais como: gestos icônicos, gestos metafóricos, gestos dêiticos e gestos ritmados. Para uma melhor compreensão na relação entre a enunciação e a multimodalidade da linguagem do comunicador, discutiremos o processo da Atenção Conjunta compreendida por Tomasello (2003) como uma relação triádica entre o olhar,

os gestos e a fala no mesmo foco de interesse mútuo em que se imponha o mesmo objeto por um determinado tempo.

Em terceira instância da dissertação situamos historicamente o momento político que o Brasil atravessava em meio a ditadura militar. Em seguida discorreremos sobre a importância da televisão como o veículo mais importante na comunicação de massas e por fim apresentamos o personagem Chacrinha, numa pequena biografia, que se servia de uma linguagem inovadora e irreverente dentro do cenário histórico do nosso país.

Diante do exposto, esta pesquisa terá a finalidade de contribuir para o aprofundamento dos estudos linguísticos a partir da análise enunciativa e multimodal da linguagem de Chacrinha buscando uma compreensão sobre um enunciado repleto de subjetividade na sua audiência televisiva. Nesse contexto, presumimos a possibilidade de abriremos as portas para novos olhares científicos diante de uma linguagem bem pouco explorada no campo das Ciências da Linguagem.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 A SUBJETIVIDADE DA LINGUAGEM: CONSTITUIÇÃO DO HOMEM NA LÍNGUA E NA LINGUAGEM

O desejo exprime-se por uma carícia, tal como o pensamento pela linguagem.

(JEAN PAUL SARTRE)

A linguagem humana teve seus primórdios estudados desde a antiguidade e foi sedimentada quando o genebrino filósofo e linguista, Ferdinand de Saussure, trouxe-nos novos rumos propiciando a linguagem como ciência autônoma que nos serviu de base para o Estruturalismo no século XX.

Conhecer e explicar são algumas das mais fundamentais atitudes humanas. E dentre os objetos alvo dessas atitudes, destaca-se a linguagem humana. Esse objeto foi elo de estudo desde a antiguidade, mas é a partir do início do século XX, com o advento da Linguística Moderna, que ele passa a ser investigado sob a perspectiva científica (FIORIN, 2013, p.75)

Ferdinand de Saussure, filósofo suíço, por meio de seus estudos e conceitos linguísticos foi professor titular na universidade de Genebra, ministrou os três cursos de Linguística geral entre os anos de 1907 a 1910. Em 1916, após três anos de sua morte, Albert Sechehaye e Charles Bally coletaram o material das aulas de Saussure e publicaram o livro “Curso de Linguística Geral”. Por sua vez, Saussure (2012[CGL 1916]) priorizou o estudo da língua em detrimento da fala, por considerar seu aspecto social e coletivo da linguagem e ainda por sua homogeneidade, por ser imutável e externo ao indivíduo além de ser fruto de uma convenção ou seja, um sistema de regras guiados por um significante que se ligava convencionalmente a um significado. O significante seria a imagem acústica e o significado o conceito.

Enquanto a linguagem é heterogênea, a língua assim delimitada é de natureza homogênea; constitui-se num sistema de signos em que, de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica, e em que as duas partes do signo são igualmente psíquicas (SAUSSURE, 2012, p.46).

Percebemos que a linguagem humana percorre diversos caminhos na trajetória científica e que sua maior característica está na mobilidade que reveste o pensamento

dos cientistas de cada época. Segundo Carvalho (2013), Ferdinand de Saussure tinha como premissa construir uma linguagem unívoca para expressar suas íntimas indagações, tratou primeiramente de colocar uma metodologia com terminologias próprias e dessa feita tornar a linguística um objeto de estudo por meio de suas famosas dicotomias, tais como: Significante x significado; sintagma x paradigma; sincronia x diacronia; língua x fala. Podemos destacar a Teoria do Valor, um dos conceitos cruciais do mestre, pois mediante sua posição singular e única, o signo só o é porque os outros signos não são.

Vimos que Saussure idealizou a língua a um sistema de signos cuja relação entre eles é o da arbitrariedade pois é sempre reconhecido por uma convenção, um conjunto heteróclito dos fatos de linguagem e exterior ao indivíduo e que se pode estudar separadamente da fala. Assim, existiria uma Linguística da língua e uma Linguística da fala.

Na língua, não menos que a fala, é um objeto de natureza concreta, o que oferece grande vantagem para o seu estudo. Os signos linguísticos, embora sendo essencialmente psíquicos, não são abstrações; as associações, ratificadas pelo consentimento coletivo e cujo conjunto constitui a língua, são realidades que têm sua sede no cérebro. Além disso, os signos da língua são, por assim dizer, tangíveis; a escrita pode fixá-los em imagens convencionais, ao passo que seria impossível fotografar em todos os seus pormenores os atos de fala; a fonação de uma palavra, por pequena que seja representa uma infinidade de movimentos musculares extremamente difíceis de distinguir e representar. Na língua, ao contrário, não existe senão a imagem acústica, e esta pode traduzir-se numa imagem visual constante.[...]. É essa possibilidade de fixar as coisas relativas à língua que faz com que um dicionário e uma gramática possam representá-la fielmente, sendo ela o depósito das imagens acústicas e a escrita a forma tangível dessas imagens (SAUSSURE, 2012, p.46-47).

Enquanto Saussure estruturou a Linguística como ciência autônoma dando ênfase ao estudo da Língua e seu aspecto social e, claro, não excluindo a importância da fala na construção da realidade social de uma massa falante, Émile Benveniste, linguista francês, partindo dos conceitos saussureanos, debruçou-se sob um olhar na constituição do sujeito linguístico, mostrando que a língua evolui no aspecto diacrônico e em constante movimento através da fala. Conforme Benveniste (2005), só é possível haver linguagem e o fundamento da subjetividade na linguagem quando existe um locutor que se apresenta como sujeito através da fala, dirigindo-se a um “tu” que se constitui como status linguístico de pessoa e havendo a reciprocidade.

Não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a. Não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem (BENVENISTE, 2005, p.285).

Traremos as concepções de Thomas Samuel Kuhn, um dos maiores filósofos americanos da ciência moderna, como forma de esclarecer a mudança de paradigma entre Saussure e Benveniste no que concerne a Ciência da linguagem. Após o doutorado em 1949, Kuhn foi lecionar para turmas de Ciências Humanas e ficou conhecido como o filósofo da ciência cujo “Paradigma” era o conceito mais fundamental de sua teoria, após a publicação, em 1962, do seu famoso livro: “Estrutura das revoluções científicas” .

De acordo com o filósofo Thomas Samuel Kuhn (1978), a ciência passa por um processo de circuito cujo ponto alvo é o paradigma, o modelo escolhido para suas pesquisas. Inicia-se então pelos paradigmas e ao percorrer por certa comunidade científica, quando aceitos, são denominados de “Ciência normal”. Segundo Zylbersztajn (1991), a imagem de Ciência normal concebida por Kuhn é extremamente conservadora mas fundamental para o progresso científico, condição necessária em que os cientistas deixam de analisar criticamente seus fundamentos teóricos, metodológicos, conceituais e instrumentais e passam a focar seus esforços nos problemas de pesquisa da sua área.

Ao mudarmos o paradigma em virtude de alguma anomalia ou crise na resolução de problemas passamos por uma Revolução científica ou ciência extraordinária temporária, até que a comunidade científica retome o conceito de “Ciência normal” e assim sucessivamente acontece com cada paradigma escolhido pelos cientistas. Segundo Kuhn (1978), a “ciência normal” não objetiva trazer novidades científicas relacionadas ao paradigma escolhido, e sim ficar indiferente aqueles que não se ajustam aos limites do paradigma. Dessa forma, as comunidades científicas lutam por um mesmo ideal num processo contínuo de resoluções de paradigmas.

[...] O cientista social, seja antropólogo, cientista político, historiador, etnógrafo, linguista, continua a fazer suas pesquisas como sempre fez, baseado em seus próprios métodos. Pouco importa se existe constante debate acerca de fundamentos, pouco importa se deve ou não chamar a sociologia da ciência (ou questões parecidas: é a história objetiva?, tem a sociologia um paradigma?, etc), o que importa

é que essas disciplinas contribuam para a criação de um objeto de comparação que elucide o que é a racionalidade ou, melhor, como é ela numa dada época.(ASSIS,1993, p.160).

Podemos esclarecer que o paradigma usado por Ferdinand Saussure que foi o estudo da língua em detrimento do estudo da fala e o estruturalismo Saussuriano, não remete a mudança de paradigma em Benveniste por alguma anomalia ou revolução científica. Do contrário, podemos perceber que os estudos em Benveniste tiveram um olhar voltado para o indivíduo que fala através da teoria da enunciação. No entanto, os estudos de Ferdinand de Saussure são reconhecidos pela comunidade científica e pelo próprio Benveniste.

A perspectiva científica surge por meio de uma busca ou de um processo da procura do conhecimento, que segundo Fiorin(2018) tal procedimento advém da observação de relevantes fatos por meio de um comportamento sistemático que alicerça a condição de uma pressuposta explicação do fenômeno estudado e que poderá ter sua validade testada em novas observações de outros fatos. "Esse procedimento, ao mesmo tempo, aproxima e afasta o fazer científico de outros fazeres humanos" (FIORIN, 2018, p.75).

A aproximação se dá pelo fato de que ele é um fazer criativo como o é o fazer artístico. A realidade não se expõe à observação. É o olhar do pesquisador, guiado por suas experiências, conhecimento e teorias, que enxerga e dá forma ao real. O distanciamento se dá pelo fato de que ao saber científico se associa a ideia de progresso, de avanço do conhecimento por superação, ou seja, saberes tornam-se ultrapassados.(FIORIN,2018,p.76).

Percebemos que não existe um Ferdinand de Saussure ultrapassado, muito pelo contrário, o estruturalismo e a forma metodológica do linguista é estudada nos tempos atuais e o Curso de Linguística Geral ainda está presente na esfera acadêmica dos pesquisadores e estudiosos que querem se aprofundar em seus manuscritos nesta década.

É possível ver que há, na última década, no Brasil, um movimento de retomada do pensamento saussuriano. Esse movimento foi motivado pela publicação de manuscritos e por estudos sobre a gênese das teorias linguísticas. Muito se tem dito, no Brasil, sobre a atualidade do pensamento Saussuriano, excelentes trabalhos têm sido responsáveis por uma verdadeira efervescência em torno da obra de Ferdinand Saussure" (FLORES, 2017,p.26).

A vida humana é um eterno quebra-cabeças que podemos montar naquele instante de uma forma plena percebendo o encaixe melhor das peças que a compõem. No entanto, em minutos seguintes podem surgir outros enigmas e teremos que recorrer a novas perspectivas para a resolução de tais inquietações, assim é a ciência; assim é a linguagem humana. O Quebra-cabeças adotados por Kuhn (1978) é uma forma metafórica de testar a engenhosidade ou habilidade dos cientistas para sua solução assegurada e obedecendo as regras limitadas das possibilidades de aceitação ou de encaixe apropriado.

Podemos observar que o estruturalismo de Saussure serviu de paradigma para os estudos de Émile Benveniste. De acordo com a teoria paradigmática de Kuhn (1978), há uma harmonização no período de “ciência normal” e uma articulação da teoria que resolve as suas ambiguidades, ou seja, um paradigma que foi desenvolvido para um determinado problema é estreitamente relacionado a outros fenômenos readaptando-as à nova área de interesse como exemplo a Teoria da enunciação de Benveniste.

Na linguística, diversos objetos teóricos coexistem sem que se possa privilegiar um ou outro como o mais próximo da realidade, uma vez que essa realidade é constituída de diversas realidades construídas e, por isso, parciais. Voltando a Kuhn (1978) suas ideias sobre a incomensurabilidade dos paradigmas explica que os padrões científicos e definições de cada paradigma são diferentes entre si, sugerindo que os cientistas devam reconhecer como membros de comunidades científicas da linguagem aplicando de forma distinta e tornando-se fiéis “intérpretes” de suas convicções teóricas.

As ideias de Thomas Kuhn (1978) defendia a incomensurabilidade entre paradigmas pois a substituição de um em detrimento do outro não invalida a importância de ambos. Devemos perceber que do mesmo modo que há grandes revoluções científicas, não menos importantes são as pequenas e devido a essa movimentação de ideias não se pode ter uma total padronização dos paradigmas.

A Ciência normal flui dentro de padrões de conhecimento e enquanto ela dá respostas aos problemas científicos continua seu curso normalmente. Segundo Thomas Kuhn (1978) até que uma crise surja, ou seja, uma inquietação, questões ou anomalias que não podem ser resolvidas com o paradigma estabelecido e novos paradigmas tentam responder de outra forma. Este período de crise é o divisor de águas entre o paradigma fragmentado e o paradigma em ascensão e, frequentemente,

o segundo ganha a preferência e substitui o primeiro, chamamos de Revolução Científica ou Ciência Extraordinária.

No que concerne ao estruturalismo de Saussure e a Teoria da Enunciação de Benveniste não podemos conceituar como uma revolução científica mas como um novo surgimento de um paradigma que possivelmente não existiria sem que o primeiro existisse pois a concepção da linguagem enunciativa ficaria “vazia” sem a linguística saussuriana com seus conceitos vistos como científicos por certa comunidade.

Devem convencer-se de que a linguagem é, de fato um objeto difícil e que a análise do dado linguístico se faz por árduos caminhos. Como as outras ciências, a linguística progride na razão direta da complexidade que reconhece nas coisas; as etapas do seu desenvolvimento são as dessa tomada de consciência (BENVENISTE, 2005, p.1).

Portanto, a teoria da enunciação de Benveniste vem apresentar ao mundo científico outro modelo de pesquisa, um outro paradigma, abraçando a Teoria da Enunciação e estudando a instância entre a língua e a fala e seus elementos dêiticos do ego, hic e nunc (eu, aqui e agora) cujas categorias de pessoa, tempo e lugar posicionaram a constituição do sujeito no universo da fala. Seria, então, na análise de Thomas Kuhn (1978) uma nova maneira de contribuir cientificamente na mudança paradigmática que não nos deixa estacionar no tempo e nem nos colocar por longo tempo na “sala de espera” sem avanços e sem questionamentos, ou melhor dizendo, sem novas perspectivas linguísticas da linguagem humana .

1.1.1 A linguagem do sujeito: O eu/Chacrinha e o tu/povo brasileiro

Eu tenho à medida que designo- e este é o esplendor de se ter uma linguagem. Mas eu tenho muito mais à medida que não consigo designar. A realidade é a matéria-prima, a linguagem é o modo como vou buscá-la e como não acho. Mas é do buscar e não achar que nasce o que eu não conhecia, e que instantaneamente reconheço. A linguagem é meu esforço humano.

(CLARICE LISPECTOR)

O primeiro momento da reflexão de Benveniste sobre a Teoria da Enunciação é voltado à subjetividade da linguagem destacando a compreensão de diversas noções associadas e sem desconsiderar as proposições estruturalistas. Os conceitos de sentido, referência e contexto possibilitaram uma nova forma de pensar a língua. “É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a

linguagem fundamenta a realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de ego". (BENVENISTE, 2005, p.286)

As teorias enunciativas assumem papel relevante numa nova relação com a língua assumida pelo homem que fala. Inicia-se a propagação do sujeito através do "eu" locutor dirigindo-se a um "tu", uma condição de diálogo que implica reciprocidade e é constitutiva de pessoa. Já a terceira pessoa situa-se fora da relação de diálogo entre o "eu e "tu", e não remete a nenhuma pessoa. Em conformidade com o pensamento de Benveniste (2005), o mesmo define o paradigma pronominal no instante da fala e define o "ele" que pode ser uma infinidade de sujeitos ou nenhum.

Todo homem se coloca em sua individualidade enquanto EU por oposição a TU e ELE. Este comportamento será julgado "instintivo"; para nós, ele parece refletir na realidade uma estrutura de oposições linguísticas inerente ao discurso. Aquele que fala se refere sempre pelo mesmo indicador EU a ELE-MESMO que fala. Ora, este ato de discurso que enuncia EU aparecerá, cada vez que ELE é reproduzido, com o mesmo ato para aquele que o entende, mas para aquele que o enuncia, é cada vez um ato novo, ainda que repetido mil vezes, porque ELE realiza a cada vez a inserção do locutor no momento novo do tempo e numa textura diferente de circunstâncias e de discursos. Assim, em toda língua e a todo momento, aquele que fala se apropria desse EU, este EU que no inventário das formas da língua, não é senão um dado lexical semelhante a qualquer outro, mas que, posto em ação no discurso, aí introduz a presença da pessoa sem a qual nenhuma linguagem é possível. Desde que o pronome eu aparece num enunciado, evocando, explicitamente ou não, o pronome tu para se opor conjuntamente a ele, uma experiência humana se instaura de novo e revela o instrumento linguístico que a funda. Mede-se por aí a distância, ao mesmo tempo ínfima e imensa, entre o dado e sua função. Estes pronomes existem, consignados e ensinados nas gramáticas, ofertados como os outros signos e igualmente disponíveis. Quando alguém os pronuncia, este alguém os assume, e o pronome EU de elemento de um paradigma, se transforma em uma designação única e produz, a cada vez, uma nova pessoa. (BENVENISTE, 2006, p.68-69).

A enunciação é a apropriação da língua por um ato individual de utilização; é a instância de mediação entre a língua e a fala. A instância é um conjunto de categorias que cria um determinado domínio. As categorias é uma noção que vai servir para agrupar uma classe de elementos da realidade. A enunciação, portanto, é a instância do ego- hic- nunc, o eu, o aqui e o agora que corresponde as categorias de pessoa, tempo e lugar.

O ato individual pelo qual se utiliza a língua introduz em primeiro lugar o locutor como parâmetro nas condições necessárias da enunciação. Antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade da língua. Depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância de

discurso, que emana de um locutor, forma sonora que atinge um ouvinte e que suscita uma outra enunciação de retorno". (BENVENISTE, 2006, p. 83-84).

Na categoria de pessoa falamos para um TU que pode ser nós mesmos. Quando dizemos: eu penso de tal forma ou mesmo, eu deveria ter feito isto ou aquilo, estou falando para mim mesmo (um EU que fala com o TU) ou quando falamos para outro ou outros. São parceiros de diálogo, dêiticos pessoais, tudo o mais é a pessoa de quem se fala e não se caracteriza por pessoa e, sim, não-pessoa.

Há traços comuns à primeira e a segunda pessoa que as diferenciam da terceira. Em primeiro lugar, o EU e o TU são cada vez únicos, enquanto o ELE pode ser uma infinidade de sujeitos ou nenhum [...]. Depois, EU e TU são reversíveis na situação da enunciação. No entanto, não é possível a reversibilidade com o ELE. A terceira pessoa é a única com que qualquer coisa é predicada verbalmente. (FIORIN, 2016, p.51).

De acordo com Benveniste (2005), o EU designa ou determina aquele que fala, ou que se enuncia e implica um enunciado sobre este EU, o mesmo ocorre com o TU que é designado por este EU. "Na segunda pessoa, "TU" é necessariamente designado por EU e não pode ser pensado fora de uma situação proposta a partir do EU" (BENVENISTE, 2005, p. 250). Então, a terceira pessoa fica fora da relação EU/TU e conseqüentemente não se pode determina-la como pessoa enunciativa que inclusive exprime a forma verbal da não-pessoa.

Na categoria de tempo existe o físico, o cronológico e o linguístico. No tempo físico temos o dia como início e fim do movimento de rotação da terra; o cronológico que marca um determinado momento do tempo físico e o tempo linguístico que é estabelecido em função do momento da enunciação, organicamente ligado ao exercício da fala e estabelece o agora. Segundo Fiorin (2016), as formas da língua existem para criar sentidos e o tempo é uma construção da linguagem e há uma vertigem temporal, o presente vira passado, e o futuro vira presente e assim concomitantemente a um momento presente na enunciação.

A língua deve, por necessidade, ordenar o tempo a partir de um eixo, e este é sempre e somente a instância do discurso. É impossível deslocar este eixo referencial para o colocar no passado ou no futuro; não se pode mesmo imaginar o que se tornaria uma língua na qual o ponto de partida da organização do tempo não coincidissem com o presente linguístico e na qual o eixo temporal fosse ele mesmo uma variável da temporalidade (BENVENISTE, 2006, p.75, p.76)

Vale ressaltar que o tempo linguístico é singular e irreduzível, porque se define e se organiza mediante sua função no discurso. Segundo Benveniste(2006), esse tempo situa o acontecimento no presente da instância da fala e é cada vez reinventado surgindo um momento novo ainda e sempre não vivido. Dessa forma, a realidade é que a linguagem só dispõe do presente e é, por natureza, implícito no discurso.

O presente é propriamente a origem do tempo. Ele é esta presença no mundo que somente o ato de enunciação torna possível, porque, é necessário refletir bem sobre isso, o homem não dispõe de nenhum outro meio de viver o “agora” e de torná-lo atual senão realizando-os pela inserção do discurso no mundo.(FLORES, 2013, p.38)

Acrescentamos que a temporalidade é aceita por meio do interlocutor de forma recíproca. Assim quando é feita a locução e se tem a resposta, converte-se e torna-se receptor ou seja numa única temporalidade. O tempo funciona como um fator de intersubjetividade, o que de unipessoal ele se torna onipessoal. “A condição de intersubjetividade é que torna possível a comunicação linguística” (BENVENISTE, 2006, p.78)

O espaço da enunciação não é físico e encontra-se implícito na deixis pessoal da primeira e segunda pessoa dos advérbios” aqui “, e ‘aí “e nos pronomes “este” esse”, ou seja, eles estão presentes e inseridos no EU e TU– espaço interior da enunciação. O espaço é variável pois depende do lugar onde é realizada a enunciação e que conforme Benveniste (2006), o sistema das coordenadas espaciais localiza em qualquer campo o objeto pois aquele que o estrutura está ele próprio como ponto de referência.

O espaço linguístico é expresso pelos demonstrativos e por certos advérbios de lugar. Como já dissemos, o espaço linguístico não é o espaço físico, analisado a partir das categorias geométricas, mas é aquele onde se desenrola a cena enunciativa (FIORIN,2016,p.237).

Conforme Benveniste (2005), o que define o tempo e o espaço na instância do discurso é a contemporaneidade de ambos que de forma coextensiva da presente instância está contido no EU, ou seja, os pronomes demonstrativos e advérbios de lugar devem ser acrescidos a dêixis pessoal para que o tempo e o espaço ocupem o caráter único e singular aos quais se referem.

Assim, pois, é ao mesmo tempo original e fundamental o fato de que essas formas “pronominais” não remetam à “realidade” nem a posições “objetivas” no espaço ou no tempo, mas à enunciação, cada vez única, que às contém, e refletem assim o seu próprio emprego[...] É identificando-se como pessoa única pronunciando EU que cada um

dos locutores se propõe alternadamente como "sujeito" (BENVENISTE,2005,p.280 -281).

A subjetividade da linguagem é essa capacidade do locutor apresentar-se como status linguístico de "pessoa". O EU dirige-se a "alguém" propondo outra pessoa que denominamos de um TU e que não encontra lugar fora da linguagem. Aliás uma linguagem única onde EU e TU não são meras figuras pronominais, mas indicadores linguísticos de "pessoa", uma dêixis pessoal - a constituição primária do sujeito linguístico. De forma contrária, a língua seria inconcebível.

Quando saio de "mim" para estabelecer uma relação viva com um ser, encontro ou proponho necessariamente um "tu", que é, fora de mim a única "pessoa imaginável". Essas qualidades de interioridade e de transcendência pertencem particularmente ao "eu" e se invertem em "tu". Poder-se á, então, definir o TU como a pessoa não subjetiva, em face da pessoa subjetiva que EU representa; e essas duas "pessoas" se oporão juntas à forma de "não-pessoa"("ele"). (BENVENISTE, 2005, p. 255).

O Homem não poderia existir ou ser um ser social senão na e pela linguagem e o comunicador Chacrinha atravessou os parâmetros sociais e ditatoriais numa época em que o universo artístico não podia se expressar, pois o Brasil estava vivenciando a era da ditadura militar e porque não dizer uma "ditadura linguística".e se enunciou. "O que em geral caracteriza a enunciação é a acentuação da relação discursiva com o parceiro, seja este real ou imaginado, individual ou coletivo" (BENVENISTE,2006, p.86)

O apresentador não usou "armamentos" para se mostrar ao povo brasileiro, mas com o instrumento linguístico na sua linguagem de humor e de ironia diante da sociedade impedida de se posicionar claramente e sem censura como sujeito, Abelardo se enunciou através do personagem Chacrinha e em alguns momentos Chacrinha se enunciou através do Abelardo e em outros momentos ao público brasileiro. De acordo com Benveniste (2006), a linguagem é o único meio que o homem tem para alcançar o outro homem, recebendo e transmitindo sua mensagem. Em virtude disso, a sociedade se solidifica pelo uso de signos em comum de comunicação.

Segundo Flores (2013), Benveniste reporta a linguagem de forma vinculada ao homem e é neste vínculo que o linguista constitui o homem como sujeito onde a linguagem ensina a própria definição do homem, constituindo-se na linguagem e pela língua. A marca da subjetividade está na passagem de locutor a sujeito. "O sujeito,

então não é nem o locutor, nem o homem, mas uma instância que decorre da apropriação feita pelo locutor. Logo, o sujeito é um efeito da apropriação”. (FLORES, 2013, p.101).

Precisamos entender que há um centro de referência interno em cada instância de discurso e que coloca o locutor numa relação constante e necessária com sua enunciação. De acordo com Benveniste (2006), no momento que ele se declara locutor assumindo a língua introduz o outro diante de si independente do grau de presença que seja atribuída a este outro. Dessa forma, quando Chacrinha se enunciava vemos que existe um grau de presença atribuído ao outro. “Por isso, eu propõe outra pessoa, aquela que, sendo embora exterior a “mim”, torna-se meu eco – ao qual digo tu e que me diz tu” (BENVENISTE,2005, p.286)

Chacrinha algumas vezes introduziu a presença de Abelardo e Abelardo também se “vestiu” da linguagem do Chacrinha em outras circunstâncias podendo ser exemplificado na passagem em que o Chacrinha diz: E agora Abelardo, o que faço? Ou quando o Abelardo diz: Chacrinha me domina e me alucina. Essas instâncias enunciativas mostram o quanto a enunciação é implícita ou explícita e postula um alocutário. De acordo com Benveniste (2006), em algumas ocasiões o EU locutor é o único a falar, mesmo que o EU ouvinte esteja presente, onde apenas sua presença torna significativa a enunciação do EU locutor.

O “monólogo” é um diálogo interiorizado formulado em “linguagem interior”, entre um eu locutor e um eu ouvinte. Às vezes, o eu locutor é o único a falar; o eu ouvinte permanece, entretanto, presente; sua presença é necessária e suficiente para tornar significativa a enunciação do eu locutor.(BENVENISTE,2006,p.87-88).

As enunciações são irrepetíveis pois o mesmo sujeito não é jamais reproduzido exatamente ao se enunciar, tais diferenças acontecem porque as diversidades são inúmeras e produzidas por cada enunciação. Assim, os famosos jargões do Chacrinha tiveram significados diferentes porque a semantização da língua apresenta-se na centralidade da enunciação. “Na enunciação consideraremos, sucessivamente, o próprio ato, as situações em que ele se realiza, os instrumentos da sua realização” (BENVENISTE, 2006, p.83).

A expressão considerada como a marca linguística do Chacrinha em seus programas da televisão que dizia nos intervalos do seu programa de auditório “Terezinha, uuuuu!” era uma assertiva que embora dita repetidamente devemos saber que em cada instância de discurso relativos a pessoa, ao tempo e ao espaço

enunciativo a expressão era singular pois as diversas situações se apresentavam diferentemente. Cada enunciação é realizada de forma singular e no presente único.

Na enunciação, a língua se acha empregada para a expressão de uma certa relação com o mundo. A condição mesma dessa mobilização e dessa apropriação da língua é, para o locutor, a necessidade de referir pelo discurso, e, para o outro, a possibilidade de co-referir identicamente, no consenso pragmático que faz de cada locutor um co-locutor. A referência é parte integrante da enunciação. (BENVENISTE, 2006, p.84)

Precisamos compreender que Èmile Benveniste ressignificou o universo linguístico não apenas na forma da linguagem mas e principalmente, no sentido da linguagem. O caminho da enunciação requer categorias que introduz essa instância entre a língua e a fala. No capítulo sobre “A forma e o sentido da linguagem “em Benveniste (2006), segundo Flores (2013) o linguista francês se distancia das noções entre sentido e forma da linguagem como oposição pois quando reinterpretada coloca no centro da enunciação o problema da significação.

Opor a forma e o sentido é uma convenção banal e os próprios termos parecem assim usados; mas se nós tentarmos reinterpretar esta oposição no funcionamento da língua integrando-a e esclarecendo-a, ela retoma toda sua força e necessidade; vemos então que ela contém em sua antítese o ser mesmo da linguagem, pois eis que de um só golpe ela nos coloca no centro do problema mais importante, o problema da significação. Antes de qualquer coisa, a linguagem significa, tal é seu caráter primordial (BENVENISTE, 2006, p. 222).

Sob o prisma de Benveniste (2006), que se mostrou bastante interessado nos estudos antropológicos, a significação não é um mero conceito ou qualquer coisa mas é de natureza humana a sua subsistência e enaltece a ideia de Saussure quando reporta a língua como um ramo da semiologia geral abrindo o caminho para descrever a semiótica. No entanto, é no uso da língua que comprova a presença linguística do signo. “É no uso da língua que um signo tem existência; o que não é usado não é signo; e fora do uso o signo não existe. Não há estágio intermediário; ou está na língua, ou está fora da língua” (BENVENISTE, 2006, p.227).

A semiologia de Benveniste não corresponde ou se limita a noção de signo por Saussure. É uma semiologia diferenciada e baseada no discurso, que segundo Flores (2013) tem a língua como interpretante de diversos sistemas semiológicos. Os elementos da enunciação não textuais definem o que está além do enunciado através das categorias de pessoa, tempo e espaço e que se associam aos elementos

multimodais da linguagem como os gestos, a fala, a postura, as vestimentas, as cores, os olhares, e muitas outras modalidades de linguagem.

O folclórico ou o ‘velho guerreiro’ como era apelidado o Chacrinha, revestia-se de um figurino colorido e diferenciado dos outros apresentadores da sua época, década de 1980, que podemos perceber através desta pesquisa que sua vestimenta e objetos usados pelo comunicador além dos gestos associados as suas expressões verbais reforçavam os seus enunciados. Dessa feita, o Chacrinha atingiu o público brasileiro de todas as classes usando todos esses recursos da linguagem.

No que concerne a Ferdinand de Saussure e a Émile Benveniste, como percebemos, não houve rompimentos nas ideias do estruturalismo iniciada pelo linguista genebrino mas um navegar diferente sob um olhar acolhedor do homem como protagonista da teoria da Enunciação do linguista francês. Dessa forma, houve o surgimento de um novo paradigma benvenistiano sem que com isso surgisse uma “revolução científica” e sim um percorrer natural em óticas diferenciadas e complementares.

A ideia da incomensurabilidade desses dois paradigmas que de certa forma se complementam tem um teor significativo sob o amparo filosófico de Thomas Kuhn. É nesse viés linguístico que podemos fazer uma analogia entre a Enunciação com a Multimodalidade, como vimos nos trabalhos de Barros e Fonte (2016); Fonte e Barros (2019); Barros; Fonte e Souza (2020), que propuseram pensar a linguagem na especificidade do autismo sob o prisma enunciativo-multimodal, marcando a interlocução entre duas perspectivas no campo das Ciências da Linguagem.

Estudos recentes, caracterizando o sujeito pela forma multimodal de se apresentar, com a vocalização e gestos associados, tais como Cavalcante (2008;2009), Ávila Nóbrega (2010), Fonte (2011), afirmam a indissociabilidade da fala e gestos. “Ou seja, na mesma matriz de produção da fala, os gestos são produzidos, e isso de maneira concomitante, o que atribui à língua uma instância de multimodalidade”. (ÁVILA NÓBREGA; CAVALCANTE, 2015, p.17).

Da mesma forma ou sob a mesma perspectiva dos paradigmas que não possuem um grau de hierarquia no campo linguístico, veremos a linguagem multimodal do Chacrinha que antes de se encontrar em posição contrária a Enunciação oral de Émile Benveniste, permite a engrenagem vista por Adam Kendon e David McNeill (1980;2005) onde a fala possui uma mesma matriz de significação com gestos e, estes, são irrepetíveis e indissociáveis.

1.2 ABORDAGEM MULTIMODAL DA LINGUAGEM

*Uma parte de mim é só vertigem; outra parte,
linguagem.*

(FERREIRA GULLAR)

Este estudo está respaldado na perspectiva multimodal da linguagem e pela sua indissolubilidade gesto-vocal que é defendida por autores diversos como McNeill (2005), Fonte et al (2014), Fonte e Cavalcante (2016), Ávila Nóbrega (2010, 2018), Kendon (1980), Butcher e Goldin-Meadow (2000), Barros(2012), Costa Filho (2011), na qual gesto e produção vocal são ligados e formam uma única integração linguística ou uma única significação.

Nessa perspectiva, a linguagem é concebida enquanto funcionamento multimodal, conforme afirma Fonte (2015). Segundo a autora, “na interação, há diferentes modalidades de linguagem do corpo, usadas como estatuto de linguagem.” (...) “O gesto não possui estatuto pré-linguístico, assim como a fala, ele constitui a matriz da linguagem” (FONTE, 2015, p.127).

A matriz gesto-fala revela o caráter de sincronia nas instâncias da multimodalidade e nas instâncias da enunciação benvenistiana. Segundo McNeill (2000), os gestos podem acontecer na mesma ocorrência temporal da fala ou em sincronia semântica com ela mesma. Segundo McNeill (1992), a combinação sincrônica da fala com o gesto é conhecida como ponto de congruência, que indica a estrutura cognitiva na unidade do gesto e da fala. Essas modalidades da linguagem fazem parte de uma mesma matriz de produção e significação, sendo indissociáveis.

A concepção de matriz única entre gesto e fala amplia, sem dúvida, o caráter misto e entrelaçado da comunicação onde os gestos impulsionam a fala como algo impregnado de linguagem e de significação e repleto de impressões relacionadas a fala do sujeito linguístico.

A fala seria uma forma de produção textual-discursiva para fins comunicativos da modalidade oral e caracteriza-se pelo uso da língua em sua forma de sons sistematicamente articulados e significativos, bem como os aspectos prosódicos, envolvendo, ainda, uma série de recursos expressivos de outra ordem, tal como a gestualidade, os movimentos do corpo e mímica (MARCUSCHI, 2003, p.24).

A multimodalidade envolve muitas outras áreas de conhecimento, refere-se às mais distintas formas e modos de representação utilizados na construção linguística de uma dada mensagem: palavras, imagens, cores, formatos, marcas, traços

tipográficos, disposição da grafia, gestos, padrões de entonação, olhares etc, conforme propõe Dionísio (2005, 2001). Desse modo, a multimodalidade é aplicada ao uso da língua em suas diversas modalidades, como a fala, o gesto e o olhar que se coadunam na produção linguística para obter interação e, conseqüentemente, a enunciação do sujeito.

O termo “multimodalidade” é recente nos estudos de aquisição da linguagem, e vem ocupando espaços importantes em diversas áreas de pesquisas relacionadas a linguagem humana, conforme destacam Fonte e Cavalcante (2016), Ávila Nóbrega e Cavalcante (2012) propuseram a noção de um envelope multimodal, considerando a mistura entre olhares, produções verbais e gestos nas questões interativas da multimodalidade.

No início do século XXI, a linguística cognitiva também tem amadurecido o seu campo de investigação concebendo os movimentos interativos como multimodais, não se debruçando aos aspectos tão somente orais da interação, mas à integração de diferentes modalidades dentro do processo de significação (ÁVILA-NÓBREGA, 2018, p.66)

Segundo Ávila-Nobrega (2018) o conceito de envelope multimodal está relacionado com o olhar, a fala e o gesto que corroboram nos aspectos sociais envolvidos nas cenas de atenção conjunta e mútua colaboração do sujeito junto com a linguagem engajando os interagentes na relação dialógica.

Os estudos sobre a linguagem multimodal são recentes e Kendon (1972;1980) foi quem primeiro despertou para o reconhecimento e análise dos elementos gestuais da linguagem situando os gestos enquanto atividade cognitiva. Esses estudos influenciaram pesquisadores internacionais, como podemos citar McNeill (1985; 1992; 2000; 2005); Goldin-Meadow (2006; 2009) e brasileiros como: Cavalcante, (2009; 2012; 2018); Ávila-Nóbrega (2010; 2018), Costa Filho (2011), Barros (2012), Fonte et al. (2014), Fonte; Cavalcante (2016), entre outros pesquisadores que possibilitam discussões sobre esses estudos multimodais.

Os gestos não devem ser vistos de forma isolada, pois há neles uma multiplicidade de movimentos da comunicação tais como os braços, mãos, cabeça e do olhar, dentre outros, conforme destaca McNeill (2000).

Em relação à concepção gestual, o termo “gesto” é multifacetado por inúmeros movimentos gestuais desde os movimentos das mãos e braços bem como as

expressões faciais e troca de olhares, conforme defende McNeill (1985, 2000). Desse modo, os gestos não devem ser vistos de forma isolada, pois há neles uma multiplicidade de movimentos corporais que produzem sentido na cena enunciativa.

Para discutir a multiplicidade gestual, iniciaremos, então, com a nomenclatura de Kendon (1982) que foi estruturada, homenageada e denominada por McNeill (1992; 2000) de o *Continuum de Kendon* de tal forma descritos: gesticulação, gestos preenchedores, emblemas, pantomimas e sinais.

A gesticulação acompanha a produção vocal, não possui propriedades linguísticas e as expressões gestuais variam de falante para falante (MCNEILL, 2000). Segundo Fonte (2011), as gesticulações incluem todos os movimentos corporais e ocorrem simultaneamente com a linguagem falada.

A gesticulação produzida, principalmente, pelas mãos e pelos braços, amplia nossos olhares também as expressões faciais significativas como o olhar e movimentos da cabeça e outras partes do corpo na troca interativa entre sujeitos. Segundo Cavalcante e Brandão (2012), esse tipo de gesto acompanha a oralidade e faz parte de uma mesma matriz exercendo papel de destaque na fluência vocal.

Os gestos preenchedores são aqueles que ocupam um lugar ou uma lacuna no espaço lexical, ou seja, esses gestos preenchem o que a fala não diz, que podemos citar como exemplo um gesto que complementa o enunciado verbal.

Os gestos preenchedores são descritos por McNeill como parte da sentença. O termo 'speech-framed gestures' sugere um gesto que ocupa um lugar na sentença, preenchendo um espaço gramatical, ao invés de acompanhar o fluxo de fala, como a gesticulação (CAVALCANTE; BARROS, 2015, p. 50).

Os emblemas dizem respeito a um gesto convencional relacionado à cultura, como o sinal do polegar para cima mostrando que está tudo "OK". Kendon (1995) considera o emblema como "gesto citável", que pode ocorrer com ou sem a fala. "Já os emblemas são os sinais convencionalizados [...] são específicos da cultura, têm formas e significado padrão e variam de lugar para lugar" (CAVALCANTE; BARROS, 2015, p. 50).

Quanto a pantomina, segundas as autoras citadas, são gestos ou sequências de gestos isentos da fala, e simulam uma ação ou um objeto. Está relacionada com a mímica transmitida numa linha narrativa sem o uso da fala. Por último, os sinais que têm suas próprias estruturas lexicais, como por exemplo, a Libras no Brasil, bem como

cada país tem a sua própria estrutura linguística, com seus padrões gramaticais, morfológicos e sintáticos próprios. “Ao considerarmos a relevância dos estudos em língua de sinais, podemos valorizar o contexto da multimodalidade enquanto instância que conceitua o gesto concomitante às produções verbais” (DELGADO, 2015, p.81)

A nomenclatura dos gestos não se restringe aos estudos do *continuum de Kendon*: gesticulação, gestos preenchedores, emblemas, pantomimas e sinais. Não pretendemos nos aprofundar no *continuum de Kendon* mesmo porque não é um ponto de análise importante para nosso objeto de estudo, servindo apenas para uma visão ampla do que representa os gestos na linguística moderna. Assumiremos sim, a noção de dimensões gestuais, proposta por McNeill (1992) para análise da gestualidade na matriz multimodal e enunciativa da linguagem do apresentador Chacrinha, nosso objeto de pesquisa, no qual achamos pertinente.

A proposta de McNeill (1992) é que os gestos sejam dimensionados em quatro partes: os gestos icônicos, metafóricos, dêiticos e ritmados. Os gestos icônicos representam imagens, objetos ou ações concretas, podendo servir como uma ilustração do que está sendo falado; os gestos metafóricos se assemelham aos icônicos com a diferença ao se referirem as expressões também abstratas; os gestos dêiticos podem indicar a localização de objetos/ações no espaço físico, podendo serem representados pelo gesto de apontar acompanhado de expressões verbais, como: “lá”, “aqui”, por exemplo; os gestos ritmados são caracterizados pelos movimentos manuais para cima e para baixo ou para frente e para trás no mesmo ritmo da fala.

A denominação de dimensões nos mostra que nenhuma delas é taxativa ou categórica porque encontramos, segundo McNeill (1992) iconicidade, deixis, metaforicidade, batida/ritmo, podem se misturar algumas vezes em um mesmo contexto interativo, por isso não podemos colocá-los num patamar hierárquico.

De acordo com Ávila-Nóbrega (2018), o gesto usado para acentuar, ou enfatizar uma única palavra coincide com a principal ênfase vocal. A expressão corporal foi utilizada em algumas circunstâncias para pontuar no lugar das mãos algum ponto da expressão verbal e por último o alargamento das pálpebras do orador acontecia no mesmo momento em que utilizava adjetivos no fluxo da fala. Dessa maneira vimos que em muitas circunstâncias o gesto auxilia o desempenho da fala.

Os gestos relacionados à fala, chamados de ilustradores, foram assim concebidos por estarem ligados de forma direta ao fluxo de fala ou o

acompanharem. A interpretação dos significados e funções desses gestos só se tornava possível quando examinados em direta relação com a língua falada (ÁVILA-NÓBREGA, 2018, p.41).

O comunicador Chacrinha, na nossa percepção, se enunciava de maneira contundente nos seus gestos associados a sua fala. A forma que usava suas expressões gestuais tão intimamente ligadas a sua produção linguística falada era bem expressiva. Geralmente, em suas enunciações, no momento em que iniciava sua fala, colocava o dedo indicador próximo ao nariz. Dessa forma, a matriz gesto-fala é indissolúvel e apresenta-se numa relação de significação através dos aspectos enunciativos e multimodais da linguagem.

Assim, os gestos corroboram com a fluência verbal e facilitam o comunicador a se expressar com mais clareza. O “palhaço” ou o “Velho Guerreiro”, como era apelidado o Chacrinha, através dos elementos multimodais gestuais, como o apontar, o olhar, o uso da buzina, as roupas espalhafatosas e coloridas “carregou” uma enunciação que possibilitou os dizeres reprimidos, ditos e não ditos, vedados pela não liberdade de expressão de uma sociedade reprimida.

Os gestos relacionados à fala também foram observados com um aumento de sua produção quando o orador estava entusiasmado com o assunto da discussão. A familiaridade do orador também poderia ser influente no uso dos gestos. Além disso, quando o tópico do assunto era complexo para o orador, geralmente ele apropriava-se de mais gestos que tinham relação com a fala, preocupado com a compreensão dos ouvintes (ÁVILA-NÓBREGA, 2018, p.44).

A linguagem enunciativa e multimodal do comunicador Chacrinha era diversificada entre o colorido, os gestos, os recursos semióticos e semânticos que expandia sua comunicação “movimentada” pela forma e pelo sentido que essa linguagem transmitia. Destacaremos o uso da buzina que o acompanhava em todos os seus programas televisivos, um recurso enunciativo e multimodal que servia de instrumento não só inovador mas motivador na relação entre ele, o auditório e o povo brasileiro.

Figura(01) Imagem do Chacrinha com a buzina dourada pendurada no pescoço



Fonte: Entrevista o blog do jiló.

Além da riqueza da linguagem gestual e vocal de Chacrinha ao interagir com seus ouvintes, salientamos que o objeto representativo como a buzina que acompanhava o Chacrinha em suas apresentações também poderia funcionar como um recurso semiótico, já que quando reportamos a ideia de multimodalidade nos referendamos as múltiplas facetas da linguagem dentre as quais a sonoridade da buzina tendia a atrair a atenção do público.

Normalmente, esse objeto levantava o riso do auditório quando tocado pelo comunicador. Segundo Bergson (2014), há mecanismos e formas para se expandir a comicidade ou o riso, e em determinados momentos a buzina foi esse instrumento, um recurso semiótico que acompanhava os gestos do apresentador reforçando sua linguagem diferenciada. No entanto, em outras ocasiões assustavam os calouros pois não esperavam que fosse usada a buzina naquele momento, mesmo assim ou de uma forma ou outra o auditório gritava, vaiava, e sorria com a atitude do Chacrinha.

A intersubjetividade é de fundamental importância para compreender o modo como os símbolos linguísticos funcionam - e como eles se distinguem dos signos comunicativos de outras espécies animais - mas não diferencia os símbolos linguísticos de outros tipos de símbolos humanos. O que distingue os símbolos linguísticos de modo mais claro é sua natureza perspectiva. Esse aspecto deriva da aptidão humana de adotar diferentes perspectivas sobre a mesma coisa para propósitos comunicativos diversos e, inversamente, de tratar diferentes entidades como se fossem uma mesma para algum propósito comunicativo; na medida em que as perspectivas estão incorporadas em símbolos, elas criam contrastes (TOMASSELO, 2003, p.171-2).

Diante de todas as formas multimodais utilizadas pelo Comunicador Chacrinha, podemos enfatizar que durante quase todo o tempo que se apresentava em seu programa ele clamava por acordar o auditório e conseqüentemente, pela atenção do público. As ideias em Benveniste (2006) mostram que a segunda pessoa “tu” era

designado por “eu” que se enuncia e de outro lado o “eu” enuncia ao outro como predicado de “tu”. Assim sendo, o sujeito existia por sua intersubjetividade na relação de troca e reciprocidade. Dessa feita, o auditório não “existiria” se Chacrinha não se enunciasse e o Chacrinha não “existiria” como sujeito se o auditório não se enunciasse. Nessa relação de intersubjetividade é que Benveniste caracteriza a presença do sujeito linguístico.

Acreditamos que na relação EU/Chacrinha e Tu/plateia, entre esses dois pronomes pessoais que se juntam em um só sujeito, como vimos na Teoria de Enunciação de Émile Benveniste, e na perspectiva multimodal da linguagem, Chacrinha recorreu aos elementos linguísticos que impulsionasse o indivíduo no foco de interesse de cada um, por ele e pelo que apresentava no seu programa televisivo.

A partir da premissa de matriz única gesto-vocal, no próximo tópico discutiremos a relação triádica e coletiva em cenas de atenção conjunta entre o nosso objeto de estudo, a linguagem enunciativa e multimodal do apresentador Chacrinha, com o seu auditório, e seus interlocutores (calouros, jurados, cantores) e as ações e eventos que circunscrevem o seu programa televisivo.

Veremos que a relação triádica e coletiva em cenas de Atenção conjunta durante o Programa Cassino do Chacrinha se faz constante durante as apresentações dos seus convidados e daqueles que interagem com o Chacrinha tais como as chacretes, e os “câmera man” que acompanham os passos do apresentador durante as gravações.

1.2.1 Atenção conjunta: a tríade olhar/gesto/fala

Todas as palavras tomadas literalmente são falsas. A verdade mora no silêncio que existe em volta das palavras. Prestar atenção ao que não foi dito, ler as entrelinhas. A atenção flutua; toca as palavras sem ser por elas enfeitiçada. Cuidado com a sedução da clareza! Cuidado com o engano do óbvio!

(RUBEM BRAGA)

Os primeiros estudos sobre atenção conjunta estão, predominantemente, relacionados à aquisição da linguagem infantil, que segundo Tomasello (2003), tem sido definida como a habilidade da criança e o adulto compartilhar sua atenção para uma entidade externa, objeto material, ou evento. Segundo o autor, “cenas de atenção

conjunta são interações sociais nas quais a criança e o adulto prestam conjuntamente atenção a uma terceira coisa, e à atenção um do outro à terceira coisa, por um período razoável de tempo" (TOMASELLO, 2003, p.135).

Podemos, ainda, ressaltar que seja difícil mensurar categoricamente a “intencionalidade” em cenas de atenção conjunta pois a linguagem é dinâmica e até certo ponto imprevisível, sendo de certa forma e mais ameno pensar na “Atencionalidade” que conforme Ávila Nóbrega (2017), há envolvimento de contextos e engajamento de Atenção Conjunta sem necessariamente ver no outro um sujeito de intenções, mas que se envolve com o outro no processo Atencional e colaborativo.

Nesse trabalho de pesquisa voltaremos nossos olhares à atenção conjunta na relação triádica ou coletiva entre: Chacrinha, um adulto ou plateia, e um objeto, evento ou ação, dentro da mesma perspectiva de interesse mútuo, veremos que não seria suficiente apenas um olhar de Chacrinha, e do auditório para o mesmo foco (objeto físico, sujeito, evento ou ação) pois isto seria apenas um olhar compartilhado. Faz-se necessário que os sujeitos estejam engajados e envolvidos numa mesma percepção e contexto do terceiro elemento, numa perspectiva triádica, ou coletiva para que se estabeleça o processo da Atenção Conjunta.

Percebemos que a atenção conjunta é um processo presente não apenas na rotina das crianças antes ou durante a aquisição da linguagem, mas sim um funcionamento que acompanha outras etapas do desenvolvimento cognitivo infantil, continuando presente até mesmo entre as interações sociais de sujeitos adultos (COSTA FILHO, 2015, p.119).

A partir da noção de *atenção conjunta*, Ávila Nóbrega (2010, 2018) passou a adotar o conceito de *envelope multimodal* para definir a relação entre o olhar, os gestos e a produção vocal. Para ele, uma vez que as cenas de atenção conjunta são aspectos sociais que envolvem sujeitos frente à linguagem, esta seria uma investigação relevante como contribuição da construção de sentidos entre os interagentes de um ato enunciativo. Pois, o homem faz usos de gestos, mesclados a expressões faciais, produções vocais e movimentos corporais, não aleatoriamente, mas construindo sentidos para a sua existência como ser social.

Em relação a produção da fala e dos gestos, Goldin-Meadow (2009, p.106, tradução nossa) menciona que a fala transmite o significado "com base em palavras codificadas e dispositivos gramaticais" e o gesto faz uso da imagem visual e mimética para conduzir uma mensagem. Ainda sobre os gestos, Kendon (2000) constata que podem ser manifestados espacialmente através de movimentos visualmente expressos e desempenhar diferentes funções entre elas,

representar objetos concretos e funcionar como referência a eles (FONTE, 2015, p.128).

Os gestos são produzidos pelos braços, mãos, dedos, cabeça e acompanham a fala na sua mais ampla diversidade. O olhar, a mão, o queixo e as expressões faciais simbolizam elementos norteadores, dependendo do contexto de quem fala e para quem fala e as expressões vocais através da alternância e suas entonações chamam a atenção do ouvinte. Os movimentos faciais, segundo Kendon (2009), possibilitam através dos olhares, e da observação ou percepção mútua do outro como marcadores que caracterizam a interação humana.

Como podemos perceber, a sincronia gesto-fala não está presente apenas na idade infantil, mas na fluência do mundo linguístico entre adultos por longas etapas de aprendizagem e interação. Vimos que as cenas de atenção conjunta tornaram ciência no âmbito da linguagem infantil. No entanto, percebemos que o “recorte” pode e deve ir muito mais além por compreendermos a sua importância no contexto enunciativo e multimodal com o propósito de analisarmos o sentido na linguagem.

Dessa forma, as pesquisas sobre a *atenção conjunta* entre adultos que exercem um papel de interação social entre a linguagem (elementos multimodais e cenas enunciativas de atenção conjunta) são pertinentes no intuito de alcançar uma compreensão maior dos seus “dizeres” ao outro e, conseqüentemente, da sua vida em sociedade.

[...] junto a Carpenter e Nagell, Tomasello identificou três tipos de interação de atenção conjunta, relacionadas a possibilidade de se poder acompanhar, dirigir, ou compartilhar entidades externas. Esses tipos foram assim denominados: Atenção de Verificação; Atenção de Acompanhamento; e Atenção direta (MELO, 2015, p.148)

Precisamos compreender as nuances da atenção conjunta no que tange à *atenção de verificação*, *atenção de acompanhamento*, e *atenção direta*. À *atenção de verificação* exige que o sujeito olhe para o outro, ao mesmo tempo em que é capaz de perceber que o outro estava prestando à atenção a ele. Em relação a *atenção de acompanhamento*, o adulto direciona o olhar e aponta com o dedo para o objeto naquilo que realmente prendia à atenção do outro. Por fim, na *atenção direta* os sujeitos olham um para o outro e direcionam o olhar para o mesmo objeto realizando o gesto de apontar.

Para alguns teóricos como Bruner (1975;1983), Tomasselo (1995; 2003), Costa Filho (2011), e Fonte (2014) o gesto de apontar é considerado um elemento para o estabelecimento da atenção conjunta, mesmo na presença da fala, o apontar é realizado em cenas de atenção conjunta. Conforme Ávila-Nóbrega (2018), quando o gesto do olhar de checagem é apresentado objetivando chamar à atenção do interagente para um evento ou ação, para que essa atitude gestual seja produzida, faz-se necessário o estabelecimento da atenção conjunta com o intuito de alcançar algum objetivo comum.

De acordo com Melo (2015), foi identificado dois novos tipos de atenção conjunta que foi denominada de atenção redirecionada e atenção coletiva/colaborativa. A atenção redirecionada faz-se quando o Chacrinha dirige a atenção para o auditório e em seguida direciona para outro foco ao dirigir sua atenção para o calouro, não perdendo de vista a habilidade de voltar a atenção para o primeiro, e que, segundo Melo (2015) o primeiro e o segundo foco de interesse compreendem uma mesma interação de atenção conjunta.

No tipo de atenção coletiva/colaborativa, conforme a autora, o indivíduo se apresenta com a habilidade de permanecer atento e colaborar com a manutenção de uma interação triádica ou coletiva.

Segundo Tomasello (1995), a atenção conjunta possui certa peculiaridade e está relacionada a um fenômeno sociocognitivo. Há, na verdade, um episódio interativo concomitante com o entendimento de que o outro que interage tem o mesmo foco de interesse pelo mesmo objeto. Acrescenta ainda que o aspecto comunicativo e interacional da linguagem é uma característica importante por diferenciar a espécie humana das demais.

Os seres humanos interagem na sociedade e os elementos multimodais como o apontar, a expressão corporal, o olhar, a linguagem verbal, permeiam no mundo da linguagem atingindo seus objetivos e seus focos de interesse. Assim aconteceu nos anos de 1980 quando o Chacrinha, formador de opinião pública, usou esses recursos e obteve resultados positivos no mundo televisivo com o alto índice de Ibope, numa comunicação censurada pela ditadura.

Em se tratando de uma época em que a proibição da liberdade de expressão fazia parte do contexto histórico pelo qual o maior Comunicador da televisão brasileira atravessava, procuraremos explicar melhor qual o cenário político da ditadura militar. Assim sendo, veremos o início de como tudo aconteceu, enfatizando o Ato

Institucional número 5 (AI5) e quais os mecanismos usados pelo Chacrinha para alcançar a popularidade na televisão de massas, velada pela repressão do regime ditatorial.

1.3 MOMENTO HISTÓRICO DO PANORAMA BRASILEIRO NA DÉCADA DE 1980

Quem alcançou em alguma medida a liberdade da razão, não pode se sentir mais que um andarilho sobre a Terra. Observará e terá olhos abertos para tudo quanto realmente sucede no mundo.

(NIETZSCHE)

1.3.1 A Ditadura e o cenário brasileiro

Ao iniciarmos o nosso estudo sobre o panorama do movimento brasileiro nos aspectos políticos e sociais nos anos de 1980, nesta época de censura, precisamos esclarecer de que forma surgiu a ditadura no solo brasileiro e tudo que a compunha nos mais variados níveis de interesse econômico e partidário, principalmente no que concerne aos aspectos velados pela ditadura que começou no ano de 1964.

Iniciemos com uma breve explanação e ilustrativa histórica do Presidente do Brasil João Belchior Marques Goulart, advogado e político, vigésimo quarto presidente do nosso país, eleito democraticamente pelo povo. Seu mandato foi de 1961 a 1964. O Presidente João Goulart assume a presidência juntamente com o primeiro ministro Tancredo Neves em setembro de 1961. Esse parlamentarismo experimental dava muita instabilidade ao Governo de Jango. A população pedia a volta do presidencialismo e em 1963 o presidente abre as portas de um plebiscito que definiria a continuidade do parlamentarismo ou a volta do presidencialismo, este último ganhou por plebiscito.

E assim Jango assume inteiramente o poder como presidente da república do Brasil defendendo medidas consideradas de esquerda e encontrando o país assolado por dívida externa, questões agrárias relevantes e uma educação muito precária inclusive pela escassez de vagas nas universidades federais

Conforme Chiavenato (1994), era aclamado pelos brasileiros nas suas manifestações de rua como “pai dos pobres” e herdeiro de Getúlio Vargas pelo seu passado político como ex-ministro do trabalho na era Vargas e no exercício dessa

função patrocinou um aumento de 100% do salário mínimo. Dois planos de governo eram metas prioritárias na sua gestão. O primeiro era um plano econômico trienal de controle dos gastos do governo e impedir que a inflação crescesse ainda mais. O segundo plano era reformas de base em diferentes áreas tais como; agrária, bancária, tributária e educacional. O Governo João Goulart dizia ter propostas reformistas e democráticas: seu discurso era o de melhorar a vida de camadas menos privilegiadas da população, pretendia reformar algumas instituições e viabilizar a economia encaminhando ao Congresso as propostas de reforma de base que seriam aprovadas ou não pelos votos dos parlamentares.

Segundo Chiavenato (1994) como toda reforma ou mudança atinge “aqueles” que não querem perder “privilégios”, principalmente os da elite social, desencadeou-se uma campanha alarmista que tachava o governo de demagógico, ditatorial, sindicalista ou comunista.

Nesse contexto político e social, o governo mobilizou a população brasileira tentando dar créditos aos seus ideais através de comícios para garantir a ordem democrática e a economia privada do país: Foi então que o presidente discursa em março de 1964 forçando a aprovação das reformas, principalmente, a agrária por seu teor polêmico e intrigante como meio de garantir a justiça social.

Figura 02: Discurso proferido por João Goulart em 13 de março de 1964



Fonte: arte.folha.uol.com.br/treinamento/2014/01/05/50-anos-golpe-64

O Presidente João Goulart, em comício no dia 13 de março de 1964, proferiu um discurso na Central do Brasil no Rio de Janeiro enaltecendo a necessidade das

reformas de base: administrativas, financeiras, tributárias educacionais e, agrárias. O comício foi transmitido por rádio e televisão para toda a nação, ao lado de sua mulher e dos governantes Leonel Brizola e Miguel Arraes e conforme Chiavenato (1994) seu discurso claro e direto nas suas proposições fez um sucesso popular extraordinário e o entusiasmo de 200 mil pessoas alavancou a esperança dos brasileiros que aplaudiam na certeza da mudança social no país. Incluindo nas suas palavras a proposta de reforma eleitoral incomodando as elites políticas na abertura do voto aos soldados e analfabetos e uma reforma constitucional que conferia poderes ao Presidente para legislar e por último um plebiscito dando a população brasileira o direito de reivindicar as reformas caso o Congresso não as aceitasse.

Por um outro lado e em outro contexto político e social, as reformas foram vistas como ameaças de subversão e um dos principais órgãos de imprensa nacional, O jornal do Rio de Janeiro, dizia que ninguém é obrigado a acatar ou obedecer uma ordem abusiva, muito menos dar proteção àqueles que desafiam e infringem as leis e que fazem agitações numa praça pública em favor de uma revolução comunista (CHIAVENATO, 1994, p.19)

O governo João Goulart sentiu-se de certa forma ameaçado pelos turbilhões de acontecimentos diante da população brasileira “aflita” e “insegura” por causa das oposições da imprensa e dos interesses políticos de alguns potenciais candidatos à presidência e aceitou o golpe civil militar em detrimento supostamente de um receio que os EUA enviasse tropas para o Brasil e inicia-se uma grande guerra civil, já que os Estados Unidos da América apoiavam a ditadura. De acordo com Abreu (2008), a imprensa divulgou o “fantasma” do regime comunista e isso de uma certa forma derrubou o Governo de João Goulart, sem a intenção de implantar um regime autoritário.

Após a retirada do presidente pelos militares em 1 de abril, as marchas passaram a se chamar “Marchas da vitória”. A maior delas, levou cerca de um milhão de pessoas às ruas do Rio de Janeiro em 2 de abril de 1964. Em detrimento desse contexto social de medo da população brasileira por não entender muito bem o discurso de apelo do Presidente João Goulart foi que os militares tomaram o poder através de um golpe civil militar que aconteceu em 1 de abril de 1964.

De um lado estava o governo, apoiado pelos nacionalistas e pelas esquerdas, esperançoso na força do povo e confiante na capacidade de manipulação dos sindicatos. Do outro, juntaram-se as elites econômicas e a direita política,

patrocinadas pelo capital estrangeiro. No meio, mas pendendo rapidamente para a direita, encontrava-se a classe média: os seus setores mais politizados alinhavam-se com a política reformista; os mais conservadores, temendo a comunização do país, aceitavam a retórica da igreja e a propaganda direitista. Os militares seriam o fiel da balança (CHIAVENATO, 1994, p.15).

Nesse íterim, os grupos da direita já estavam atuando para a desestabilização do governo, e se o golpe civil militar não desse certo já existia um projeto político de realização de intervenção no Brasil comandada pelos Estados Unidos chamada de Operação “Brother Sam”. “A força tarefa chegou ao litoral sul do Brasil, mas o rápido desmoronamento do ‘dispositivo militar’ de João Goulart tornou desnecessária a intervenção”. (CHIAVENATO, 1994, p.67).

Os militares assumiram efetivamente o poder no outro dia do golpe, em 2 de abril de 1964, tirando o Presidente da República João Goulart e assumindo o governo militar todo o comando do Estado. Os militares tomaram o poder e mantiveram a princípio uma “aparência democrática”.

De acordo com Resende (2018), de maneira mais didática e organizada o regime militar pode ser dividido em duas etapas: a do autoritarismo (1964-1974) e a da abertura lenta e gradual da ditadura política (1974-1985). Segundo Santana (2015), a ditadura militar trouxe ao Brasil uma época em que mais a biografia do nosso país foi manchada pelos cárceres e martírio dos que a compunham ao regime ditatorial onde os canais de comunicação eram acompanhados de bem perto pelos censores cuja hipótese seria a intenção de esconder as atrocidades e transparecer um Brasil de “paz e harmonia”.

Nesse contexto, destacamos o “caminho” político de forma resumida dos presidentes militares que assumira o poder e quais as decisões impostas por cada Governo no intuito de percebermos em que face estava revelada as características ditatoriais de tais representantes. Faremos relevância ao que concerne a comunicação restrita, proibida e censurada da linguagem do povo brasileiro que era obrigado a ficar “mudo” diante de tantas decisões e atitudes autoritárias e antidemocráticas.

O primeiro presidente militar foi Castelo Branco, responsável pelos atos institucionais de números 1, 2, 3, 4 chamados de AI 1, AI 2, AI 3 e AI 4. Na verdade, foram 17 Atos Institucionais, decretos estes para legalizar a ditadura porque não havia previsão na constituição. Dentre os quais podemos citar como os mais relevantes o

segundo, AI-2, por causa do bipartidarismo, ARENA (partido dos militares) e MDB (partido de minoria de oposição contida), e o quinto, AI-5 por causa do corte da liberdade de expressão e uma imprensa de censura e repressão.

Cabe destacar que o Ato Institucional número dois, AI-2, definiu o final dos vários partidos políticos existentes e deixando que apenas dois sobrevivessem, instaurou o bipartidarismo e com isso as autoridades federais permitiram a ARENA (Aliança Renovadora Nacional), partido que apoiava o governo militar e o MDB (Movimento Democrático Brasileiro) que era oposição ao Governo.

O segundo Presidente foi Artur da Costa e Silva que assumiu o país em março de 1967, ampliou o mecanismo de repressão no país, principalmente, quando decretou o Ato Institucional de número cinco, conhecido como AI-5. Este Ato institucional aumentou o poder do executivo, limitou as liberdades individuais, suspendeu o “habeas corpus” e cortou a liberdade de expressão no Brasil. Assim sendo, os professores ficaram limitados nas suas expressões e o meio artístico não podia se expressar de forma ampla e livre. Presidiu o Brasil por dois anos quando foi acometido de um AVC levando-o a óbito.

Os meios de comunicação e artístico ficaram cerceados pelo regime militar. O cinema, o teatro, a televisão, o rádio e os jornais eram guiados pelo meio opressor da ditadura e assim os canais democráticos eram fechados para qualquer oposição ao regime militar. Quase tudo que era pensado e falado no Brasil deveria passar pelo crivo dos militares.

Em virtude dessa repressão, houve um aumento considerável de guerrilhas, oposições por membros da igreja, e manifestos entre estudantes e artistas contrapondo esses posicionamentos arbitrários de uma época que “mandava quem tinha razão e obedecia quem tinha juízo”, Caso contrário, eram presos e torturados por “ameaçarem a segurança nacional”. As universidades foram invadidas por forças policiais e estudantes aderiram as armas para resistir às opressões.

O sucessor de Artur da Costa e Silva foi Emílio Garrastazu Médici que presidiu a nação de 1969 a 1974. Houve o milagre econômico entre 1968 e 1973 onde o governo concedeu muitos incentivos fiscais, investimento estatal, privado, apoio a construção civil como a ponte Rio-Niterói, a rodovia transamazônica, e a usina hidrelétrica de Itaipu gerando emprego e renda para o país.

De acordo com Gurgel (1975), o Governo de Médici deixou um grande legado para seu sucessor e de forte poder sobre a sociedade. Apresentou “um país das

maravilhas” denominado de “milagre econômico” cuja verdadeira face foi mostrada após cinco anos através, segundo Chiavenato (1994), de uma concentração de renda abusiva privilegiando poucos e aumentando a miséria da maioria da população brasileira. Nesse período, os militares aumentaram a propaganda ufanista que exaltava o governo, a ditadura, os militares e tudo o mais da atual gestão governamental. E assim, de acordo com Resende (2018), realizaram grandes propagandas em prol do Regime, slogans tais como: “ninguém segura este país” “este é um país que vai pra frente ou ainda”, “Brasil: ame-o ou deixe-o!”

O Brasil entrou numa crise econômica, e a crise do petróleo dos anos 1970 afetou o mundo inteiro. A inflação subiu demasiadamente e a população ficou bastante descontente. Os generais, então, perceberam que a ditadura não ia aguentar muito tempo. “A artificialidade do milagre” ficou clara depois de 1974, quando o preço do petróleo explodiu” (CHIAVENATO,1994, p.94).

As eleições indiretas continuaram e dessa vez Ulisses Guimarães concorre a vaga pelo MDB, partido da esquerda, em oposição ao General Ernesto Geisel pelo partido da ARENA assumindo este último a presidência da República em 1974 até 1979. Um período marcado pelo retorno do grupo “moderado” cuja principal proposta era de abertura política “lenta”, “gradual” e “segura”. Conforme Couto (1999), tal decisão foi decorrente do término do ‘milagre econômico” sob a influência das proposições da ESG - Escola Superior de Guerra-, do desgaste político e das bases deterioradas de alicerce do regime.

Por fim, o presidente Geisel ordenou a extinção dos Atos institucionais 1, 2, 3, 4 e 5. Seu discurso era de uma retirada não abrupta dos militares num processo de convencimento por isso precisou de um mandato inteiro presidencial para evitar confrontos desnecessários sob sua ótica. Dessa forma, houve um abrandamento da censura pelos meios de comunicação, jornais, revistas, peças de teatro, televisão e cinema.

João Batista de Figueiredo foi o último presidente militar, governou de 1979 a 1985 concluindo a abertura política. Assumiu um estado desgastado assolado pelo desemprego, alta inflação de 200%. Em agosto de 1979 surgiu a Lei da Anistia “ofertando” o perdão para aqueles que lutaram contra o Governo e para os torturadores militares que massacraram os civis. Os brasileiros na época do governo João Goulart acreditavam que quando os militares tirassem o presidente do poder seria instalada uma democracia, mas isso não aconteceu como se esperava.

Instaurou-se assim uma ditadura rígida pelos militares, uma ditadura regida por fortes repressões que desequilibrava o bem estar de uma sociedade.

Uma abertura política era e será indubitavelmente necessária ao povo brasileiro pois a liberdade de expressão assegura ao indivíduo o direito de falar, de escrever, de transmitir suas ideias pela pintura, de repassar as imagens dos seus pensamentos pela tela da televisão, do teatro e do cinema, a se expressar nas suas mais profundas ideias sejam ela de cunho político, social, filosófico e/ou psicológico. Além de buscar e receber todos os tipos de informação por meio da linguagem escrita, oral e artística sem que ninguém seja opositor com a intenção de impedir, coibir ou mesmo proibir a linguagem humana em todas as formas de expressão do pensamento.

Durante essa trajetória sócio-política e ao destacar o Ato institucional de número cinco, sendo o mais relevante desse trabalho de pesquisa pois proibia a liberdade de expressão do homem em sociedade e a liberdade de imprensa. Trataremos a censura televisiva na década de 1980 onde a televisão era considerada o mais importante veículo de comunicação de massas. Essa condução ditatorial nos faz refletir como deve ter sido trabalho e censurado os programas de auditório televisivos e sobremaneira a linguagem dos comunicadores da época.

1.3.2 A televisão brasileira: Um meio poderoso de comunicação de massas velada pela censura

As línguas diferem naquilo que devem expressar, e não naquilo que podem expressar.

(JAKOBSON)

O Brasil foi o primeiro da América latina e o sexto país a implantar a televisão no mundo, cuja implantação permanente veio através do pernambucano Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, proprietário dos Diários associados. De acordo com Jambeiro (2002) já existiam jornais e emissoras de rádio espalhadas por todo país.

A televisão teve início no Brasil em 1950. No entanto, tornou-se objeto de estudo acadêmico a partir de 1960, segundo Mattos (1990), foi a época em que as primeiras pesquisas iniciaram suas análises quanto ao conteúdo dos seus programas cujos efeitos sociais coincidiam com o início da criação de escolas de comunicação no território brasileiro.

O meio de comunicação televisivo no país sofreu grande influência da rádio e o circo. Nos primeiros vinte anos, a TV Tupi liderou a história da televisão brasileira. Na década de 1960, a TV Record investiu nos musicais divulgando novos ritmos como Bossa Nova e o Tropicalismo. A rede Globo, em 1965, presidida pelo jornalista Roberto Marinho começou a funcionar no Rio de Janeiro.

Chacrinha era o personagem de um apresentador de programa de auditório na TV Tupi desde 1957, quando iniciou a televisão brasileira com os programas: Rancho Alegre e Discoteca do Chacrinha. De acordo com Barbosa e Rito (1996) o educador Gilberto Freire se referia ao Chacrinha como um homem criativo, e que seus programas de auditório eram nacionalista através de um humor genuinamente brasileiro e finalizou dizendo que Chacrinha democratizou e abasileirou a nação.

O Ibope do Chacrinha começou a crescer a partir de 1964, quando estourou o golpe militar e o Brasil mergulhou numa ditadura que duraria vinte anos. Foi o início da escalada do animador rumo ao posto de maior ídolo popular que o Brasil conheceu. Já em 1964, os números do Ibope registram sua supremacia como líder de audiência [...] O Ibope do Chacrinha significava a fabulosa cifra de quase 10 milhões de telespectadores (BARBOSA; RITO, 1994, p.69)

O “velho guerreiro” como era chamado o Chacrinha, ao longo dos anos de repressão desenvolveu maneiras de se livrar da censura ou dos censores. Em alguns momentos quando recebia a visita de um censor, ele inventava uma crise de falta de ar e se jogava ao chão. Segundo Barbosa e Rito (1994), Chacrinha gritava que eles iam matá-lo desse jeito e que iriam ser responsabilizados caso isso acontecesse.

Nesse contexto, O Chacrinha “atravessou” a imagem televisiva com uma linguagem inovadora repleta de jargões de humor e ironia e de roupas coloridas e alegres conseguiu penetrar nos lares brasileiros, abrindo o sorriso de um povo que ignorava a real situação do Brasil numa época marcada e manchada pela ditadura. O Chacrinha era considerado por Ruiz (1987) como um animador de televisão mais circense que existia na época. Associavam sua imagem a de um palhaço pois antes de ser chamado de “velho guerreiro” era chamado de “velho palhaço” pois era sinônimo de alegria, de bagunça e animação de circo onde o auditório respondia através de longos aplausos.

A Emissora de televisão Globo transforma-se em uma rede nacional, inclusive tendo como princípio uma única linguagem em todo o país. No intuito de agradar o público de cidades mais concentradas em aparelhos de televisão como o Rio de

Janeiro e São Paulo, foram utilizados os programas de auditório do Chacrinha, Silvio Santos e Dercy Gonçalves. Chacrinha estreou na Tv Globo em 1968 e segundo Barbosa e Rito (1994), nesta década, Nelson Rodrigues fazia crônicas elogiosas do apresentador e referia-se ao comunicador de que era admirador incondicional comparando-o a um “Chaplin brasileiro”, uma flor do povo.

Vale ressaltar a influência que as emissoras de televisão exerciam nos pensamentos do povo brasileiro, pois as décadas de 1960 e 1970 foram marcadas por vários incêndios nas principais emissoras de tv, tais como, a Record, Excelsior, Bandeirantes, e TV Globo. Dessa feita, muitos arquivos viraram “cinzas” havendo prejuízos nos acervos culturais da época. Pode-se pensar na relevância do papel do comunicador e no fenômeno da comunicação de massas. Dizia Florinda Barbosa, esposa do Chacrinha:

Certo dia, ao discutirmos novas ideias para seu programa e falarmos sobre o fenômeno da comunicação de massas, ele me perguntou, muito agitado: “Mas, afinal, que raio de comunicação é essa?” Ao ouvir minha explicação, matou a charada na hora, inventando de estalo o que viria a se tornar uma de suas frases emblemáticas: “Quem não se comunica se trumbica”. (BARBOSA; RITO, 1996, p.10).

Existia uma grande “dose” de passionalidade do apresentador e por isso sofria e vibrava com os números estatísticos da sua audiência. Chacrinha tinha uma preocupação constante com o Ibope. Durante todo o seu tempo na televisão, as suas ideias criativas e suas inovações eram voltadas a alegria do público ou mesmo a atenção constante dos telespectadores observando a todo minuto o entrosamento com o auditório, com as chacetes, com os jurados, com as câmeras ambulantes e com seus convidados. Nada parecia despercebido pelo apresentador pois seu pensamento era ter sucesso e ter aplausos dentro do programa e nas telas do Brasil inteiro

Chacrinha tomava café Ibope, jantava Ibope, e dormia Ibope”, confirma Homero Icaza Sánchez, “el brujo”, como ficou conhecido o diretor do departamento mercadológico da TV Globo, contratado por Boni para sugerir estratégias de programação que fossem de encontro aos desejos da audiência. Foi Homero que apresentou o perfil do espectador de televisão ao Velho Guerreiro, que passou a procurá-lo para discutir ideias que agradassem as classes A, B, C e D. “Presenciei algumas vezes o encontro dele com Luiz Veiga para analisar o programa da semana anterior e ficava impressionado com o senso e o rigor do Chacrinha. Ele fazia

observações muito seguras sobre as imagens e era brilhante como homem de espetáculo e comunicação” (BARBOSA; RITO, p.112, 1996).

De conformidade com Barbosa e Rito (1994) Chacrinha quando sentia que o pique do seu programa de alguma forma diminuía costumava tomar providências imediatas e quase sempre apelava para os “intocáveis”, nome batizado por ele aos calouros mais difíceis ou os que cantavam muito mal e dessa forma o público vibrava com as famosas buzinas. O comunicador sentia que as pessoas costumam rir quando presenciam alguém que se apresenta muito mal ao cantar, pois eram capazes de impressionar a atenção do auditório. Dentro desse raciocínio, social, e, ou psicológico, Chacrinha apelava para os piores calouros na intenção de aumentar a sua popularidade e, conseqüentemente, a audiência

O Programa de auditório intitulado o “Cassino do Chacrinha” era colorido, com apresentações de cantores da MPB, com um corpo de jurados escolhidos entre artistas famosos e folclóricos como a Elke Maravilha, espalhafatosa na voz e na vestimenta espalhafatosa e cheia de cores. A plateia era agitada pelas câmeras que não paravam no auditório até porque o Chacrinha não parava quieto, andava de um lado para o outro distribuindo banana, melancia, mandioca, abacaxi e bacalhau para o auditório que sorria, gritava e aplaudia.

Chacrinha recebeu uma buzina dourada por Walter Clark. Essa buzina marcou toda a sua trajetória como apresentador, pois não a tirou do pescoço durante as apresentações. Afinal de contas, líder de audiência com status de “ídolo popular” era o que Chacrinha mais queria para realizar todas as suas loucuras em público e a buzina como um elemento exótico o diferenciava de alguns outros apresentadores da TV brasileira. “Ao entrar para a Tv Globo em 1968, Chacrinha se tornou, enfim, líder nacional de audiência” (BARBOSA e RITO,1996, p.75).

Segundo Mattos (1990), a cronologia da televisão brasileira compreende os anos de 1950 a 1990, todavia, iremos nos deter nos anos de 1957(ano em que o Chacrinha inicia na televisão), 1964 (início da ditadura militar),1965 (Quando é inaugurada a tv Globo no Rio de janeiro e o MEC concede programas educativos), 1968 (início do programa de Chacrinha na Rede Globo), 1972 (ano em que o comunicador Chacrinha se afasta da Rede Globo),1974 (A TV Tupi padroniza seus programas nacionalmente), 1975 (período que se implantou o conceito de Rede de televisão no país), 1976 (A Rede Globo começou a exportar seus programas para a América Latina), 1980 (A TV Globo recebe o prêmio Salute pelos Estados Unidos),1982 (o retorno de Chacrinha

na Tv Globo); 1985 (retomada a liberdade de expressão e de imprensa pondo fim a censura), 1987 (a TV Globo atinge um grande número de expectadores) 1988 (o último programa Cassino do Chacrinha na rede Globo).

Faremos também as considerações, ou alguns acréscimos, na cronologia de Mattos de acordo com a pesquisa relevante desse trabalho de estudo da linguagem enunciativa e multimodal do apresentador Chacrinha que foi mostrada minuciosamente acima no primeiro e segundo item respectivamente: A Enunciação e a multimodalidade.

Quadro 01: Cronologia da História da Televisão Brasileira (adaptado de Mattos (1990) pela autora)

1957	Foram iniciadas em São Paulo, as transmissões sistemáticas para o interior do Estado e dez emissoras de televisão já estavam em operação no país. Este ano Chacrinha iniciou sua trajetória na TV tupi com dois programas: Rancho Alegre e Discoteca do Chacrinha.
1964	No ano do golpe militar havia, no País, 34 estações de televisão e mais de 1.800.000 aparelhos receptores. Chacrinha começou a crescer no IBOPE nessa época de ditadura e o psicólogo José Teitelroit, dizia ou atribuía o seu sucesso a história vivida pelo Brasil nessa época de ditadura: “A noção de ridículo que ele transmite ao espectador não está desvinculada da atual conjuntura psicossocial. Ele é um espelho da nossa triste realidade” (BARBOSA; RITO,1996).
1965	No dia 26 de abril foi inaugurada a TV Globo, no Rio de Janeiro. Começa a distribuição, em nível nacional, dos programas gravados em videotape e produzidos no Rio de São Paulo. Em julho, o Ministério da Educação e Cultura – MEC, formalizou o pedido de reserva de 100 canais de televisão para fins educativos. Foi criada a Embratel.
1968	Foi criada por Decreto, no dia 15 de janeiro, a AERP – Assessoria Especial de Relações Públicas, que passou a controlar a propaganda política do governo militar. No dia 4 de abril morre Assis Chateaubriand, o jornalista

	que trouxe a televisão para o País. Chacrinha inicia na Rede Globo de televisão e assume a liderança em audiência no meio televisivo.
1972	O Prontel (Programa Nacional de Telecomunicações) foi regulamentado. A Rede Globo inaugurou sua emissora de Brasília. Chacrinha se afasta da Globo e reinicia na TV Tupi.
1974	A TV Tupi inicia a implantação das "programações nacionais", padronizando seus programas em todo o País. Tal medida foi adotada também pela Globo, em 1975, e, em seguida, por todas as demais redes.
1975	Implantou-se no País o conceito de Rede de Televisão, devido ao sucesso da programação nacional. No dia 15 de dezembro, foi fundada, através da Lei 6.301, a Radiobrás.
1976	O Brasil ocupa o quarto lugar entre os maiores usuários do Satélite Intelsat. A Rede Globo iniciou a exportação de seus programas, dublados em espanhol, para países da América Latina.
1980	A Rede Globo recebeu o Prêmio Salute, concedido pela "International Council of the National Academy of Television, Arts and Sciences, dos Estados Unidos, devido à qualidade dos programas por ela produzidos.
1982	Foi criado o SINRED (Sistema Nacional de Radiodifusão Educativa) vinculado ao Ministério da Educação e Cultura e ao Ministério das Comunicações. Chacrinha reinicia seus trabalhos na Rede Globo depois de um afastamento por dez anos, de 1972 a 1982.
1985	Este ano ficou marcado pela volta da liberdade de expressão e de imprensa pondo fim a ditadura de forma lenta e gradual. Dessa forma, Chacrinha que não se inibiu na época da ditadura continuou seu caminho de locutor numa linguagem irreverente, cômica e inusitada.
1987	A Televisão Globo atingiu uma audiência potencial de 90 milhões de telespectadores, equivalente a 63% da população brasileira.

1988	Em junho falece o apresentador Chacrinha e em outubro foi promulgada a nova Constituição brasileira, modificando o sistema de concessões de canais de rádio e de televisão e pondo fim a censura televisiva através da Carta Magna brasileira.
-------------	--

Fonte: Autora 2020

Essa visão panorâmica da televisão brasileira mostra a força que tem esse meio de comunicação e que exerce muita influência na formação de opinião das pessoas em todos os níveis sociais e econômicos. A mídia televisiva adentra nos lares brasileiros e faz soar a “voz” de todos aqueles que se permitem influenciar por essa “voz”.

Quando o Chacrinha iniciou sua carreira em 1957, na TV Tupi, com dois programas: Rancho Alegre e Discoteca do Chacrinha que apesar da precariedade técnica do novo veículo de comunicação, conforme Barbosa e Rito (1996) o apresentador percebeu que a televisão ia ser “o grande negócio” em 1950 dizia que ainda faria parte daquela turma. Ele, o Chacrinha, mais uma vez mostrou-se um homem de visão, considerado como “louco” e “gênio” da comunicação e embora aparentemente brincalhão e de roupas espalhafatosas, sua “voz” alcançou o público por três décadas e até hoje é lembrado no meio televisivo.

Antes de existir a televisão, nos programas de rádio já na década de 1930 eram inseridos os programas de auditório. Com Chacrinha não foi diferente, ele iniciou numa pequena chácara o seu programa de rádio e por isso ficou conhecido primeiramente como Abelardo Chacrinha Barbosa e depois como o famoso Chacrinha, “o comunicador da massa”.

Pode-se citar diversos apresentadores de programas de auditório, tais como: J Silvestre, Hebe Camargo, Moacyr Franco, Dercy Gonçalves Sílvia Santos, Raul Gil, Flavio Cavalcanti e outros, desde a década 1950 até 1988 (ano do seu falecimento) que influenciaram a carreira do Chacrinha. Alguns permanecem até os dias de hoje como o programa do Faustão, Sílvia Santos, e Serginho Groisman.

Chacrinha passou por diversas emissoras de televisão e permaneceu na rede Globo de 1967 a 1972, sua primeira passagem na emissora e tornou-se o líder em audiência em seus dois programas: Discoteca do Chacrinha, exibido nas quartas-feiras em horário nobre das 20 horas e A Buzina do Chacrinha aos domingos. Por seu jeito irreverente, segundo Barbosa e Rito(1996), Chacrinha se desentende com José

Bonifácio, mais conhecido por Boni, diretor da Globo, e retorna a TV Tupi .Após 10 anos, retorna a TV Globo e permanece até seu falecimento em 1988 exibindo seu programa: “O cassino do Chacrinha” nas tardes de sábado, as 16 horas, com absoluto sucesso e com a audiência intensa como ele sempre almejava.

Quem almejava tamanho sucesso do personagem Chacrinha era o Abelardo Barbosa, o “velho guerreiro”, que lutava por alcançar os brilhos do Programa televisivo, no teatro Fênix, e” vestia-se” através do personagem do Chacrinha. Abelardo e Chacrinha, juntos adentravam ao Programa, dançando e cantando com o auditório. Veremos alguns pontos importantes na relação benvenistiana entre Chacrinha e Abelardo Barbosa. Dissociar Abelardo do Chacrinha é uma tarefa bastante difícil, mas podemos dissertar sobre a existência de cada um em alguns momentos.

1.3.3 Velho guerreiro: Abelardo Barbosa versus Chacrinha

Tudo é ousado para quem a nada se atreve.

(*FERNANDO PESSOA*)

O Chacrinha era uma figura tão emblemática, que muitas vezes ele entrava em conflito com ele mesmo, o EU/pessoal/Abelardo com o EU/artista, Chacrinha. Abelardo Barbosa era o mais novo calouro da Faculdade de medicina de Recife, aos 19 anos, e resolveu se apresentar para dar uma palestra intitulada: “O álcool e suas consequências”. Segundo Monteiro (2014) após sua apresentação na Rádio Sociedade do Rio de Janeiro o jovem foi convidado a ser locutor. Dessa forma, Chacrinha inicia sua carreira artística. Daí em diante o Abelardo deixou o terceiro ano de medicina e o Chacrinha seguiu sua carreira de comunicador na Rádio e Televisão.

O Abelardo Barbosa era um homem emocionalmente nervoso e de sintomas clássicos de desconforto intestinal quando estava tenso, apresentava um quadro maníaco depressivo. Conforme Barbosa e Rito (1996) ele dizia: “eu nasci um e criei o outro”. Em contraposição e nos seus conflitos de identidade Chacrinha fala para Abelardo: “tenho medo da criança, do adulto, do apresentador, da audiência, medo da vida!” E Abelardo diz: “não precisa ter medo! Você mesmo me ensinou. Fique tranquilo! O velho não morre!”

Mas imediatamente, desde que ele se declara locutor e assume a língua, ele implanta o outro diante de si, qualquer que seja o grau de presença que ele atribua a este outro. Toda enunciação é, explícita ou

implicitamente, uma alocução, ela postula um alocutário” (BENVENISTE, 2006, p.84).

José Abelardo Barbosa de Medeiros era pernambucano, nasceu em Surubim em 30 de setembro de 1917 e faleceu em 30 de junho de 1988. “Quem não se comunica, se trumbica”, Chacrinha, autor desse célebre enunciado, era considerado um grande comunicador de rádio e um dos maiores nomes da televisão brasileira como apresentador de programas de auditório.

Chacrinha fez enorme sucesso na televisão dos anos 50 até os anos 80. O mundo vivia uma ditadura em todos os aspectos e Chacrinha continuava dizendo: Olê, Olá, o Chacrinha tá botando pra quebrar! Nesse contexto pode-se perceber o quanto era irreverente sua linguagem e seus movimentos gestuais, seus olhares direcionados naquilo que se propunha a apresentar, sua vestimenta que caracterizava o “velho palhaço”, recursos enunciativos e multimodais que conseguiam transmitir uma imagem da “realidade brasileira”.

Essa condução ditatorial da época em que Chacrinha transmitia seu programa nos faz entender como deve ter sido trabalhosa e censurada a linguagem do comunicador Chacrinha, não apenas por palavras ditas com ironia e humor mas também pelos recursos multimodais que eram usados em um auditório composto de chacretes vestidas com roupas sensuais numa época de repressão e de um “pudor” exacerbado pela censura.

Dessa forma, os militares adquiriram pleno poder em perseguir e prender opositores bem como coibir a liberdade de expressão dos meios de comunicação. Durante a ditadura militar, o Chacrinha enfrentou grandes problemas com a censura. Nos seus programas tinham quase sempre a presença de um censor cujo principal enfoque, dizia os militares, era o tamanho das roupas usadas pelas dançarinas do seu programa. De acordo com Monteiro (2014), isso conquista ainda mais o Ibope, pensava o Chacrinha.

Em 1943, lançou na Rádio fluminense um programa chamado Rei Momo na Chacrinha (uma chácara pequena onde realizava seu programa de rádio). Foi assim que ficou conhecido a princípio como Abelardo Chacrinha Barbosa. Segundo Monteiro (2014), o comunicador recebia seu público de cuecas e com o lenço na cabeça e esse estilo irreverente criou a fama de “maluco” e o programa mudou de nome para “O Cassino do Chacrinha”.

A princípio, nos anos de 1960, Chacrinha se apresentava de terno e de gravata borboleta como os demais apresentadores da época quando recebeu a visita da comediante Leda Maria, usando uma saia esfarrapada e um charuto na boca, que sugeriu que Chacrinha usasse roupas exóticas para chamar a atenção ainda mais do telespectador. A partir dessa conversa, Chacrinha só se apresentava fantasiado, aposentando o traje formal que usava, conforme Barbosa e Rito (1996).

Era conhecido como o “velho guerreiro” desde os anos 70 em virtude de uma homenagem feita a ele por Gilberto Gil, antes de deixar o país após ser preso pelos militares, compôs a letra da canção chamada “Aquele abraço”. (Chacrinha continua balançando a pança, e buzinando a moça e comandando a massa, e continua dando as ordens no terreiro. Alô, Alô, seu Chacrinha - velho guerreiro. Alô, Alô, Terezinha, Rio de Janeiro. Alô, Alô seu Chacrinha - velho palhaço. Alô, Alô Terezinha - aquele abraço!...). Em síntese, podemos dizer que o Chacrinha transformou-se num mito ganhando o título de “pai do tropicalismo” composto por Caetano Veloso, Gilberto Gil e os Mutantes. Segundo Monteiro (2014), o “velho guerreiro” após esta canção conseguiu atravessar o tempo passado de um século para outro.

O apelido “velho guerreiro” conforme foi batizado na época por intelectuais artistas que lutavam contra a ditadura, nos chama uma atenção relevante, pois pensamos que aquele que é “guerreiro” está batalhando pelo que acredita ser o melhor para sua pátria, e, portanto, não foge à luta. Contudo, para Chacrinha, está, no entanto, era uma luta travada em meio de palavras, na forma como este grande comunicador de massas se enunciava para a sua plateia, o povo brasileiro, de forma espontânea e autêntica.

Ao nosso ver, a expressão: “buzinando a moça e comandando a massa, e continua dando as ordens no terreiro” dita na canção de Gilberto Gil, fazendo menção ao perfil do apresentador, por uma ótica da semântica na linguística benvenistiana, que tende a olhar para o sentido na linguagem, pode ser entendida como: um acordar, ou um alerta que, por sua vez, teria um alcance popular através do meio televisivo, e que com o domínio da sua fala e famosos jargões colocava, ou pretendia colocar a ordem no seu terreiro, entendido como o território brasileiro.

Chegou ao Rio de Janeiro sem dinheiro e sem nenhuma pretensão transformou-se num locutor de rádio e acabou inventando uma maneira inédita de se comunicar com o público. Os jargões de Chacrinha são conhecidos até hoje: “Teresinha, uh, uh!

Quem não se comunica, se trumbica!”, “Eu vim para confundir e não para explicar!” E tantos outros.

De estilo irreverente e divertido, com roupas espalhafatosas, de um linguajar rasteiro misturando humor e ironia, com voz rachada de nordestino pernambucano e munido de abacaxis para desclassificar os calouros, alcançou grande popularidade.

Ele resgatou o cômico e a popularidade com a força do “bobo da corte” e também do “palhaço” de um circo e de acordo com Mira (1995) chegou bem junto e com força dos programas de auditório parodiando a si mesmo e o meio de comunicação televisivo com a graça de um palhaço que falava sério em meio às brincadeiras, falava o que Abelardo talvez gostaria de dizer publicamente e não era permitido, talvez seja por isso que Chacrinha nas suas reflexões dizia: “Chacrinha me domina e me alucina”.

O comunicador com sua forma criativa e irreverente de transmitir suas ideias, alcançou o reconhecimento notório do público, seus gestos foram contundentes e sua fala atingia a população de diversas classes sociais. Ele misturava humor, alegria, ironia, risos e lágrimas dentro de um figurino espalhafatoso e colorido.

O maior comunicador do Brasil não usava terno nem se expressava com voz macia diante de um público comportado; não era jornalista nem acadêmico, e não escreveu nenhum livro. O maior comunicador do Brasil era um nordestino de sotaque carregado e voz rachada, que aparecia na televisão com fantasias coloridas, uma buzina pendurada no pescoço, atirando pedaços de bacalhau na plateia e apresentando com tiradas sacanas os futuros sucessos da música nacional. (MONTEIRO; CHACRINHA A BIOGRAFIA, 2014).

Em meio a tanta popularidade do Chacrinha, em uma visita ao Brasil, o sociólogo francês Edgar Morin, de acordo com Barbosa e Rito (1996) Chacrinha foi considerado um fenômeno na comunicação de massas, só comparável a John F. Kennedy e Charles De Gaulle. O José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, diretor do Programa do Chacrinha na rede Globo, o Boni como era conhecido, era muito próximo do Chacrinha. Dizia que o apresentador era como uma antena ambulante e o maior guardião da comunicação popular.

José Bonifácio dizia que o Chacrinha ajudou a consolidar a emissora como líder de audiência nacional e que nos horários criados por ele nenhum outro programa teve audiência igual. Chacrinha provou que era possível fazer um programa popular, mas inteligente; de sucesso, mas limpo; comunicativo, mas de bom gosto. Certo dia, ao discutirmos novas ideias para seu programa e falarmos sobre o fenômeno da comunicação de massas, ele me perguntou, muito agitado, “Mas afinal, que raio de

comunicação é essa?” Ao ouvir minha explicação matou a charada na hora, inventando de estalo o que viria a se tornar uma de suas frases emblemáticas: “Quem não se comunica se trumbica” (BARBOSA, RITO, 1996, p.9-10)

A vida e obra do Comunicador Chacrinha, numa época de censura televisiva, faz-se pensar o quanto de irreverência pode ser usada pelo “Velho guerreiro” para transmitir suas ideias ao público. Sua linguagem era carregada de humor e de uma certa ironia, muitas vezes subentendidas. Sabe-se que o humor e a ironia encontram sentido nas relações sociais e, também, com relação ao outro nas entrelinhas do enunciado e na forma expressa.

[...] é porque a língua representa uma permanência no seio da sociedade que muda, uma constância que interliga as atividades sempre diversificadas. Ela é uma identidade em meio às diversidades individuais. E daí procede a dupla natureza profundamente paradoxal da língua, ao mesmo tempo imanente ao indivíduo, e transcendente à sociedade. Esta dualidade se reencontra em todas as propriedades da linguagem (BENVENISTE, 2006, p.97).

Observamos, por conseguinte, que as produções da linguagem do Chacrinha foram engraçadas para alguns adultos quando os mesmos obtinham conhecimento maduro e perspicaz da relação do “mundo” e de “mundo” com a sociedade ou com o outro. Embora, aqueles menos instruídos talvez não percebesse as entrelinhas do seu discurso irreverente ou o “não dito” e por isso achavam todo o Programa do cassino do Chacrinha bastante divertido e nada mais.

O comunicador Chacrinha, segundo Barbosa e Rito (1996), adorava trabalhar como apresentador de auditório e quando pensava ou imaginava que um dia podia deixar de trabalhar, seria muito difícil, pois achava que a sua coragem era única e sua maneira de se apresentar não seria nada fácil encontrar no meio televisivo. Deixou como legado uma televisão mais divertida e ao mesmo tempo ousada que conquistou o Brasil inteiro com seus trejeitos, jargões, seu auditório animado, suas chacretes, seus figurinos espalhafatosos, seus gestos únicos, seus concursos esdrúxulos, seus calouros e jurados.

E assim, é o Chacrinha, vestido com muito brilho fantasiado de palhaço, cartola vermelha, gravata verde borboleta e uma buzina dourada pendurada no pescoço. Sim, esse foi o Chacrinha, é e será o Chacrinha do povo brasileiro. Foi homenageado em janeiro de 2017, onde completaria 100 anos, no cinema, no programa especial da

televisão globo pelo ator Stepan Nercessian pelo canal Viva e no teatro Guararapes no Centro de convenções de Pernambuco, no especial: “Chacrinha, o velho guerreiro”.

Algumas indagações conduzirão essa pesquisa no decorrer dos capítulos seguintes tais como: Na televisão em que o Chacrinha se enuncia como comunicador de massas, até que ponto sua linguagem trazia marcas do ser enunciativo? De que maneira seus jargões exerciam uma semântica intencional e ficavam implícitos alguns possíveis propósitos na relação Chacrinha e o povo brasileiro? Quais as marcas enunciativas dos seus gestos, das suas fantasias e das suas vestimentas?

2. METODOLOGIA

A preparação que nosso método exige do professor é o autoexame, a renúncia à tirania. Deve expelir do coração a ira e o orgulho, deve saber humilhar-se e revestir-se de caridade. Estas são as disposições que seu espírito deve adquirir, a base da balança, o indispensável ponto de apoio para seu equilíbrio. Nisso consiste a preparação interior: o ponto de partida e a meta.

(MARIA MONTESSORI)

Os procedimentos metodológicos para a pesquisa da linguagem enunciativa e multimodal do Apresentador de auditório Chacrinha foram realizados através das capturas de tela de alguns dos seus programas gravados na década de 1980, observando de forma criteriosa o que estava inserido dentro da perspectiva linguística fundamentada pela teoria da Enunciação e pela abordagem da multimodalidade e os aspectos inerentes a linguagem humana.

Veremos no primeiro tópico a tipologia do estudo e sua natureza qualitativa e documental, no segundo tópico; quais os critérios para a seleção dos seus programas, no terceiro; os procedimentos da análise e os critérios de transcrição dos programas do Chacrinha para a pesquisa.

2.1 TIPOLOGIA DE ESTUDO

Esta pesquisa é de natureza qualitativa documental. O caráter qualitativo permitiu o estudo de um personagem pelo qual não temos o acesso físico por já ter falecido, além disso por se tratar de um objeto de domínio público consideramos uma fonte natural de informação na sua origem de determinado contexto social e histórico.

É uma pesquisa centrada na compreensão da realidade que não pode ser quantificada, buscando resultados os mais fidedignos possíveis. Tenta compreender a qualidade dos fenômenos mais do que focalizar os conceitos específicos; enfatiza o subjetivo como meio de compreender e interpretar as experiências; possui poucas ideias preconcebidas e salienta a importância das interpretações dos eventos mais do que a interpretação do pesquisador; coleta dados sem instrumentos formais e estruturados; não tenta controlar o contexto da pesquisa e, sim, captar o contexto na totalidade; analisa as informações narradas de uma forma organizada mas intuitiva.

A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria. Assim, os pesquisadores qualitativos recusam o modelo positivista aplicado ao estudo da vida social, uma vez que o pesquisador não pode fazer julgamentos nem permitir que seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa (GOLDENBERG, 1997, p.34)

Trata-se de uma pesquisa documental pois a análise do objeto de estudo foi feita através de vídeos gravados dos programas televisivos veiculados.

A pesquisa documental trilha os mesmos caminhos da pesquisa bibliográfica não sendo fácil por vezes distingui-la. A pesquisa bibliográfica utiliza fontes por material já elaborado, constituído basicamente por livros e artigos científicos localizados em bibliotecas. A pesquisa documental recorre a fontes mais diversificadas e dispersas sem tratamento analítico, tais como, tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias pinturas, tapeçarias, relatórios de empresas, vídeos de programas de televisão, etc. (FONSECA, 2002, p.32)

A pesquisa documental, bem como outros tipos de pesquisa, propõe-se a produzir novos conhecimentos, criar novas formas de compreender os fenômenos e conhecer a forma como estes têm sido desenvolvidos (SÁ-SILVA; ALMEIDA e GUINDANI, 2009).

2.2 SELEÇÃO DO OBJETO

Foram selecionadas oito gravações do programa Cassino do Chacrinha obedecendo ao critério, principal, de representarem um marco histórico para a televisão brasileira. Desse modo, foram analisadas a linguagem do Chacrinha nos programas exibidos em 1982 (2 gravações), em 1985 (2 gravações), em 1987 (2 gravações) e em 1988 (2 gravações), priorizando o último dia e mês do programa em 1988, antes do falecimento do apresentador, por marcar um período de transição no Brasil entre o “fim da ditadura militar” (1985) e o retorno à “democracia”. Os programas eram veiculados nas tardes de sábado e cada um com duração de 2 horas. Nesse sentido, o *corpus* constituiu-se de oito gravações do Programa Cassino do Chacrinha,

sendo duas veiculadas em 1982 duas em 1985, duas em 1987 e duas em 1988, perfazendo um total de dezesseis horas de gravação.

2.3 PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DE DADOS E CRITÉRIOS DE TRANSCRIÇÃO

Este trabalho de pesquisa teve como recorte oito gravações do programa de auditório, Cassino do Chacrinha, como detalhamos no item anterior. Os dados de linguagem foram coletados na captura de tela de cada programa analisado, selecionando as imagens em que surgem o apresentador Chacrinha e desprezando as imagens em que estivessem, tão somente, as atrações do programa, os calouros, as chacretes, o auditório e os jurados. Desse modo, pretendeu-se ter como elemento de pesquisa os aspectos linguísticos verbais e não-verbais de Chacrinha em interação com seus interlocutores.

Para a transcrição dos dados dos principais elementos audiovisuais relevantes dos programas escolhidos para a análise, com a intenção de destacar as ocorrências pertinentes da matriz gesto-fala que norteiam a percepção dos marcadores enunciativos e multimodais da linguagem do comunicador, foram feitos recortes dos programas que contém os dêiticos pessoais e a expressão falada e gestual, elementos multimodais associados aos elementos enunciativos. A partir desse recorte, foram transcritos os planos vocal, gestual e do olhar, por capturas de tela sem uso de software específico, a linguagem enunciativa e multimodal do apresentador. Elaboramos um quadro com os planos multimodais da linguagem para a análise das produções vocais e gestuais, bem como do direcionamento do olhar do Chacrinha.

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

O que é o aparato da televisão para o homem, que tem apenas que fechar seus olhos para ver as mais inacessíveis regiões do visto e do jamais visto, que tem somente que imaginar para perfurar paredes e originar todos os Bagdás planetários de seus sonhos para erguer das cinzas.

(SALVADOR DALI)

Nas análises, procuramos verificar as questões enunciativas e multimodais da linguagem do apresentador, tais como, sua vestimenta, seus gestos, sua fala, suas expressões corporais, numa única matriz de significação.

Nas referidas observações discutiremos os dados que nos mostram de que maneira o apresentador prendia a atenção do auditório e estabelecia a atenção conjunta a partir da enunciação do Eu-Chacrinha e os diversos Tus (auditório, calouros, cantor, jogador e jurados) nos programas veiculados e analisados.

O programa era chamado “Cassino do Chacrinha trazia uma figura fantasiada que interagia com seu público em meio a apresentações de cantores, calouros, jurados e chacretes. O primeiro programa exibido em 1982 o Chacrinha se apresentou vestido de palhaço com brilho, o de 1985 de um palhaço mais simples, em 1987 de menino marinheiro, e o último de 1988 estava vestido de estudante com um chapéu caracterizado pelo animal burro, colocado na cabeça.

A linguagem televisiva do Chacrinha promoveu ao nosso ver o intercâmbio entre o apresentador e o auditório penetrando nos lares brasileiros e influenciando, quer de forma jocosa onde as pessoas achavam muito engraçado; quer de forma intencional onde outras pessoas percebiam um sentido mais social e político dessa linguagem já que a população brasileira, uma parte dela, não poderia “dizer” ou se expressar de uma forma livre por causa da repressão política dessa época ditatorial.

De acordo com Benveniste (2006, p.98), “consideramos, portanto, que a língua interpreta a sociedade. A sociedade torna-se significativa na e pela língua, a sociedade é o interpretante por excelência da língua”.

Ela é uma identidade em meio às diversidades individuais. E daí procede a dupla natureza profundamente paradoxal da língua, ao

mesmo tempo imanente ao indivíduo e transcendente à sociedade. Essa dualidade se reencontra em todas as propriedades da linguagem. [...] Estamos considerando aqui a língua somente como meio de análise da sociedade. Para este fim nós tomaremos língua e sociedade em sincronia e numa relação semiológica: a relação do interpretante com o interpretado. E formularemos estas duas proposições conjuntas: em primeiro lugar, a língua é o interpretante da sociedade; em segundo lugar, a língua contém a sociedade (BENVENISTE, 2006, p.97).

Dessa feita, seria então impossível descrever os elementos culturais e sociais ausentes das expressões linguísticas. Tais expressões fornecem ao indivíduo uma base necessária para diferenciar a sociedade do indivíduo.

Imaginem uma sociedade que vivia seu momento de repressão da língua e do pensamento e quanto o poder televisivo, na época de 1980, tinha de maior e melhor alcance a população brasileira de todas as classes sociais. Daí se pode pensar na questão do EU/Chacrinha e TU/povo brasileiro que exerceu influência neste momento histórico e político do Brasil, assim como o uso dos gestos e da fala e suas vestimentas dentro da perspectiva enunciativa e multimodal da linguagem.

Vale como reflexão a percepção de que forma o Chacrinha usaria todos esses elementos da linguagem, se não houvesse repressão política? Acreditamos que sim, pois o comunicador já utilizava desses recursos bem antes da existência da televisão através dos programas de Rádio nos anos de 1940. No entanto, e bem mais relevante é a junção da linguagem irreverente do apresentador e a presença do sujeito linguístico em meio as adversidades inerentes a Ditadura Militar.

No caso do desempenho do apresentador Chacrinha em seu programa de auditório, ao nosso ver, ele possuía a habilidade de manter o interesse coletivo da sua plateia atenta, colaborando com esta interação, envolvendo ele mesmo, como sujeito enunciativo, o que ele apresentava como objeto ou evento, e o seu auditório, nas cenas de Atenção Conjunta.

Análise de Programas televisivos de 1982

No primeiro programa Cassino do Chacrinha exibido em 6 de março de 1982, o palhaço em vermelho brilhante se destaca no cenário colorido do programa. Era a volta do comunicador a Rede Globo após dez anos do seu afastamento.

Chacrinha saiu da emissora em 1972 por um desentendimento com o Diretor do Programa que o tirou do ar por sua atitude irreverente de levar ao palco um grupo de uma Ceita afro de Umbanda onde a “mãe de santo” junto com outros componentes

demonstravam ao vivo o aparecimento de “espíritos” no palco; Boni ficou surpreso e tirou do ar no mesmo instante o seu programa. Chacrinha revoltado foi embora!

Após o sucesso em outra emissora, Boni, o convidou para um programa especial na Rede Globo e uma volta na maior rede de televisão da época não poderia ser de outra forma, senão com todo brilho que o momento clamava. A fantasia do palhaço incorporava a alegria de um comunicador que chamava atenção do seu interlocutor para o que enunciava.

O apresentador adentrou no teatro Fênix e estreou seu Programa televisivo após 10 anos ausente da Rede Globo, com entusiasmo e de vestimenta exuberante fez o auditório vibrar. Afinal, o “palhaço” voltou a “reinar” no palco sem a coroa de um “rei” mas com o entusiasmo e felicidade de um comunicador que transmitia um dinamismo que empolgava seu auditório. Assim, voltou o “velho guerreiro”, ao palco e aos lares da nação brasileira.

1ª Análise 22:53 à 23:00

<p>Fig. 01 22:53</p>  <p>Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=M10lrg87hzi</p>	<p>Fig. 02 22:58</p>  <p>Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=M10lrg87hzi</p>	<p>Fig. 03 23:00</p>  <p>Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=M10lrg87hzi</p>
--	---	--

Nesta primeira sequência de figuras 01, 02 e 03 observamos no contexto enunciativo multimodal Chacrinha chamando um calouro do seu programa para cantar.

Quadro 01: Plano enunciativo e multimodal

Chacrinha – plano vocal	Chacrinha- plano gestual e do olhar	Interlocutor (plateia)
Vamos chamar o senhor Mauro!	Com olhar baixo, voltado para a ficha que segura em mãos.	A plateia não se manifesta
	Chacrinha dá as costas ao calouro e se dirige à plateia para falar sobre Roberto Carlos	

Daqui a pouco Roberto Carlos, daqui a pouco a mãe do Roberto Carlos, daqui a pouco a tia do Roberto Carlos, daqui a pouco a avó do Roberto Carlos	Chacrinha levanta os braços e fala com as mãos direcionadas ao auditório .	A plateia grita, aplaude, balança os adereços de mão.
---	--	---

Fonte: A autora.

Percebemos que Chacrinha ao enunciar o nome do calouro, senhor Mauro, com o olhar na ficha do candidato (fig 01) não despertou reação aparente da plateia, ou pelo menos, a atenção que o locutor esperava. Quase que imediatamente, Chacrinha direciona o corpo e o olhar para plateia em busca de atenção (fig 02). Na sequência, Chacrinha usa gestos “beats” e dêiticos enquanto elucida o nome de Roberto Carlos, compondo a matriz gesto-fala no funcionamento multimodal da linguagem. Dessa feita, vimos que os gestos “beats” são aqueles que servem como marcadores da fala em que as mãos parecem bater de forma ritmada em sincronia com a vocalização e os gestos dêiticos podem ser representados pelo gesto de apontar indicando o foco de atenção pretendido pelo locutor.

Desse modo, Chacrinha realizou a atenção direta ao realizar o gesto dêitico associado aos ritmados enquanto enunciava repetidamente o nome do cantor como forma de chamar a atenção da plateia para o evento que iria acontecer. Segundo McNeill (1992), os gestos são dimensionados sem que com isso tenham uma hierarquia, pois podem ser misturados no mesmo contexto interativo.

Nesse momento, em que há uma relação enunciativa multimodal direta com o interlocutor-plateia, percebemos uma tomada de posição eu-tu mais evidente. Verificamos que ao enunciar-se, o EU/ Chacrinha ao TU/auditório ou plateia, o locutor mobiliza a língua e determina os caracteres linguísticos da enunciação e o TU/plateia torna-se o EU quando responde ao Chacrinha no retorno dos aplausos e dos gritos de alegria. Segundo Benveniste (2006), sem a relação EU/TU só existiria a possibilidade de língua, após a enunciação há um processo de apropriação da mesma. É justamente na passagem de locutor para sujeito que incide a marca da subjetividade.

Percebemos que a atenção conjunta coletiva está presente entre Chacrinha, a plateia e o evento comunicativo. O auditório engajou-se na cena de atenção conjunta a partir dos aplausos e gritos. De acordo com Melo (2015), na atenção coletiva/colaborativa, o indivíduo se apresenta com a habilidade de permanecer

chamando atenção do outro e colaborando com a manutenção de uma interação coletiva.

2ª Análise 23:15 à 23:23

Fig. 01 23:15	Fig. 02 23:21	Fig. 03 23:23
		
Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=M10lrg87hzi	Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=M10lrg87hzi	Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=M10lrg87hzi

Nesta segunda sequência de figuras, no contexto enunciativo e multimodal, Chacrinha se vira agora para o calouro Mauro e faz algumas perguntas.

Quadro 02: Plano enunciativo e multimodal

Chacrinha – plano vocal	Chacrinha- plano gestual e do olhar	Interlocutor (calouro)
E você, não foi preso ainda?	Olhar fixo para o calouro e movimentação o pescoço.	Não, senhor!
Você é solteiro, casado?		Solteiro.
Se você fosse casar com uma das chacretes, com quem você casaria?	olha para as chacretes e com as mãos espalmadas utiliza gestos dêiticos em direção as chacretes	apenas aponta e olha para uma delas

FONTE: a autora

Sabemos que o programa do “Cassino do Chacrinha” foi veiculado em meio a ditadura militar, que cerceava o direito de expressão dos indivíduos que falava “apenas” o que era permitido. Não se podia fazer qualquer alusão às questões políticas que o país estava atravessando sob pena de ir preso. Somada à censura política, na época, assim como hoje, havia uma intolerância aos estereótipos de gênero, raça e religião. No seu programa, quase sempre aparecia censores do governo para fiscalizar de perto o que acontecia durante a gravação.

Na relação dêitica pessoal entre o EU/Chacrinha e TU/calouro, quando Chacrinha pergunta ao calouro se ele já foi preso (fig. 01), colocando o interlocutor em uma situação constrangedora, talvez, o enunciador-Chacrinha tivesse aludindo à juventude que foi intensamente perseguida no período.

Desde o momento em que o enunciador se serve da língua para influenciar de algum modo o comportamento do alocutário, ele dispõe para este fim de um aparelho de funções. É em primeiro lugar a interrogação que é uma enunciação construída para suscitar uma “resposta”, por um processo linguístico que é ao mesmo tempo um processo de comportamento de dupla entrada (BENVENISTE, 2006, p.86).

Na imagem seguinte (fig 02), verificamos que quando o calouro foi questionado por Chacrinha se gostaria de casar com uma de suas Chacretes, talvez tivesse a mesma intenção de ressaltar a boa imagem das suas dançarinas que eram também “vigiadas” pela censura em virtude de seus trajes. Os censores achavam que seus maiôs eram um atentado ao pudor e agredia as mulheres “decentes” da sociedade brasileira. A sociedade não enxergava com bons olhos a performance das chacretes com suas roupas sensuais e, muitas vezes, os censores adentravam no programa para proibir a exibição delas na televisão. Dessa forma, as ideias do linguista francês complementam o que foi analisado, em que “o sentido de uma frase é sua ideia, o sentido de uma palavra é seu emprego (sempre na acepção semântica)” (BENVENISTE, 2006, p. 231).

Observamos que a forma enunciativa/multimodal do Chacrinha se apresentar (fig 03) com a mão dirigida para as chacretes através do gesto dêitico ao indicar o foco atencional para o calouro e ao mesmo tempo acompanhando sua expressão verbal de forma sincronizada, no que concerne a matriz única gesto vocal. Nesse momento, Chacrinha estabelece a atenção conjunta direta a partir da relação triádica entre EU - Chacrinha, o TU- calouro e as chacretes, estas sendo o foco atencional da cena enunciativa. O interlocutor engaja-se na interação de atenção conjunta a partir do olhar e do apontar dirigido para uma chacrete.

Análise dos Programas em 1985

O programa do Cassino do Chacrinha, nas (3ª e 4ª) análises, foi veiculado no dia 23 de novembro de 1985. O Chacrinha aparece com uma roupa de palhaço que não tinha o mesmo brilho do palhaço analisado anteriormente como marco da reestrela do Chacrinha na televisão. Acreditamos que não precisava mais do brilho

para se apresentar, mas a figura de um palhaço que alegra, que anima e que distrai, e que de uma maneira mais simples levava um pouco de felicidade ao povo brasileiro, principalmente aos menos favorecidos.

3ª Análise: de 0:12 à 0:47

Fig. 01 0:12	Fig. 02 0:31	Fig. 03 0:47
		
Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=PCeuccBWz7I	Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=PCeuccBWz7I	Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=PCeuccBWz7I

No contexto enunciativo e multimodal representados pelas figuras acima, (fig 01, 02 e 03) o apresentador homenageia o violonista, cantor e compositor Wando como o melhor cantor do ano de 1985 e entrega o troféu "Velho Guerreiro" para ele. Wando fica olhando para o troféu e agradece ao Chacrinha. Em seguida o auditório fica cantando com o Chacrinha que Wando merece receber a homenagem.

Quadro 03: Plano enunciativo e multimodal

Chacrinha-plano vocal	Chacrinha - plano gestual e do olhar	Interlocutores (o cantor Wando e a plateia)
Meus amigos aqui está , via satélite para todo o Brasil, o grande cantor de 85. É ou não é????	Com o dedo entre o nariz e a boca e pula com a plateia	A plateia grita: Éeeeeee.
É pra você, pelo que você fez em 85, o troféu do velho guerreiro pra você		Wando recebe o troféu e fica olhando para o objeto
		Deus lhe ajude, diz o Wando.
Ele merece, Ele merece	Olha e acompanha a fala do auditório	Ele merece , ele merece, diz a plateia

Fonte: A autora

Neste contexto, vimos que o Chacrinha chama o melhor cantor de 1985, e com um gesto enunciativo e multimodal do dedo indicador entre o nariz e a boca, forma bem comum de Chacrinha se enunciar quando queria enfatizar as suas palavras e

chamar a atenção do auditório. Podemos perceber que a perspectiva multimodal endossa a fala do Chacrinha na sincronia temporal dos gestos associada à fala e o quanto engrandece a linguagem do apresentador, servindo como marcador de sua linguagem enunciativa/multimodal.

Digamos que o Chacrinha tinha a necessidade natural de colocar os dedos entre o nariz e a boca para que sua fala alcançasse todo o “poder” de alcance nas telas de todo o Brasil. Dessa feita destacamos o que Benveniste (2006) nos trouxe sobre uma semiologia alicerçada no discurso e que juntamente com seus elementos não textuais define de certa forma, o que está além do enunciado.

Chacrinha chama o cantor e compositor Wando com entusiasmo entregando-lhe o troféu com sua imagem, denominado de troféu “Velho Guerreiro” e no esforço incansável em movimentar seu programa, pula junto com o auditório, deixando-o entusiasmado, eufórico e feliz. Sem dúvida, o Chacrinha encantava e comandava as massas no auditório e assim elevava o número do Ibope mostrada no meio televisivo. Não foi à toa que era considerado o maior comunicador do Brasil.

De acordo com a observação vista na figura (02) quando o cantor Wando recebe o troféu “Velho Guerreiro”, fica olhando para o objeto e agradece ao Chacrinha dizendo “Deus lhe ajude!” O Chacrinha, em seguida, fala simultaneamente com a plateia e cantam juntos dizendo: “Ele merece, ele merece”. EU/Chacrinha e o TU/Wando se enunciam e mais uma vez o EU/Chacrinha se enuncia com o TU/Plateia numa instância única na categoria da dêixis pessoal e nas categorias do “aqui” e “agora”.

Outras “escolhas” linguísticas poderiam ter sido eleitas por Chacrinha para além do “ele merece”, a exemplo de parabéns. No entanto, o encontro de palavras “ele merece” é comum ao discurso de Chacrinha, que parece tê-lo como marca enunciativa, que eleva e conduz o eu (enunciador) e o tu (plateia, jurado e convidado ou calouro) a uma posição de destaque, dividindo o mesmo estado de euforia.

Então, como separar a enunciação da multimodalidade? São instâncias entrelaçadas numa mesma sincronidade. Conforme Benveniste (2005), “EU só pode ser identificado pela instância de discurso que o contém por aí. Não tem valor a não ser na instância na qual é produzido.” Podemos dizer que quando não há tentativa e nem reconhecimento do outro, não há enunciação, as palavras tornam-se imortais, por causa do “TU”.

Dessa forma, o Chacrinha também se sentia um vencedor ou um guerreiro que não foge a luta e vence os desafios como comunicador. Mas que desafio seriam esses?

Do palco? Da vida? Do Abelardo? O EU/ Chacrinha quando interage com o TU/auditório na visão de Benveniste (2005) é a consciência de si mesmo experienciada por contraste numa condição de diálogo, pois só há o emprego do EU quando o mesmo é dirigido a alguém, a um TU, constitutiva de pessoa que implica uma reciprocidade

Os elementos enunciativos e multimodais como o apontar, a expressão do corpo, do olhar, das mãos e a linguagem falada interagem no programa do Chacrinha e refletem, na sociedade, de forma mais ampla e significativa, essa imagem alegre, interativa e porque não dizer contagiante aos olhos daquele que embora fora do palco capturam as impressões que a enunciação multimodal reporta aos lares brasileiros.

Assim podemos discernir uma cena de Atenção Conjunta que sob o olhar de Tomasello (1995), quando existe uma forma peculiar relacionada as questões socio cognitivas de um momento interacional e comunicativo da linguagem humana no mesmo prisma de interesse recíproco. Então, o olhar compartilhado entre Chacrinha e a plateia para Wando só configurou como uma cena de Atenção conjunta porque o Chacrinha, o cantor e o objeto tinham um mesmo foco de interesse recíproco pelo objeto em destaque.

Essa relação triádica na Cena de Atenção Conjunta direta entre o troféu, Wando e o Chacrinha faz da enunciação multimodal um espelho da realidade de ambos que triunfaram e lideraram a música e o palco.

Observamos que quando a plateia canta com o Chacrinha na figura (03), “Ele merece”, há pois o estabelecimento de uma cena de atenção conjunta coletiva ou colaborativa. Segundo Melo (2015), quando o sujeito dirige sua atenção a um objeto ou evento, no caso a presença do cantor Wando, ao mesmo tempo dirige sua atenção a plateia e a mesma dirige a atenção ao mesmo objeto, no caso Wando. Isso ocorreu de forma contundente quando o Chacrinha e a plateia cantaram juntos, ambos direcionando o olhar para o cantor Wando.

As telas da (4ª) análise tratam-se do mesmo programa de 1985, por isso o Chacrinha permanece com a vestimenta de palhaço. Dessa feita, o Chacrinha interage com o jurado Samir Habou Hana, tendo como assunto a roupa da atriz Cláudia Raia. Essa questão é interessante porque o comunicador, de forma criativa que lhe era peculiar, faz uma música naquele momento e emite na sequência com a frase: “Ditando regra, ditando moda , essa vida é uma roda. Roda , roda e avisa”, que ele costumeiramente fala antes dos intervalos comerciais do seu programa.

Um homem vestido de palhaço se enunciava como o protagonista ou dono de um “circo” e comandava o espetáculo com tanta maestria e segurança que os jurados, Samir e Claudia Raia, permaneciam serenos e alegres diante da sua postura. Como se nada pudesse abalar o “Velho Guerreiro” e que, muito pelo contrário, usava sua imaginação, inteligência e criatividade sem “medo” de ser censurado em suas manifestações linguísticas no palco das telas da Globo. E assim o fez na pergunta com relação a tirar a saia ou não da Cláudia Raia, enfrentando a atuação dos censores em seu programa que coíbiam a “quase nudez” de suas dançarinas.

O Chacrinha enfrentava os preconceitos contra a mulher e nas suas apresentações mostrava que suas roupas sensuais não a definiam, eram profissionais dançarinas contratadas e que exerciam sua função sem que com isso pudesse ser maltratadas pela sociedade. A alusão feita por ele com relação a saia da atriz Claudia Raia reforça essa imagem como forma de proteção a favor das mulheres, da mesma maneira que protegia suas chacretes. Barbosa e Rito (1996) nos dizem que Chacrinha tinha empatia com o povão, dedicação aos filhos e a sua esposa e cuidava das chacretes como se fizessem parte de sua família.

4ª Análise; de 21:12 à 21:25

<p>Fig. 01 21:12</p>  <p>Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=h-lgcNkyU_Y</p>	<p>Fig. 02 21:17</p>  <p>Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=h-lgcNkyU_Y</p>	<p>Fig. 03 21:25</p>  <p>Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=h-lgcNkyU_Y</p>
--	---	--

No contexto enunciativo e multimodal das figuras (01, 02 e 03), o Chacrinha pergunta ao jurado Samir sobre a roupa de Cláudia Raia, o Samir responde e o chacrinha inventa uma música e interage com a plateia.

Quadro 04: Plano enunciativo e multimodal

Chacrinha – plano vocal	Chacrinha- plano gestual e do olhar	Interlocutor (jurado-Samir/plateia)
--------------------------------	--	--

Samir Habou Hana, me responda: você prefere a Cláudia Raia com saia ou sem saia?	Olhando para o jurado e aponta com o dedo indicador para Claudia Raia e com a mão representa a saia	
		Sem saia, ela está linda toda de azul
Mas sem saia?	Olhando para o jurado	Sem saia
Ditando Regra, ditando moda, essa vida é uma roda. Roda , roda e avisa	Olha para a plateia e coloca o dedo apontando para a plateia	A plateia canta com ele a música que antecede o comercial

Fonte: A autora

Neste contexto percebemos que o EU/Chacrinha se enuncia como sujeito com o jurado, perguntando ao TU/Samir se ele prefere a jurada com saia ou sem saia. Neste momento ele olha para o jurado, aponta com as mãos (fig01) em direção ao mesmo através do gesto que ao mesmo tempo é dêitico (apontando) e icônico (apresentando um objeto concreto que seria a vestimenta de Claudia Raia). Vimos, pois, que os gestos do Chacrinha aconteciam numa sincronia temporal e semântica com a fala revelando o funcionamento dessa linguagem enunciativa e multimodal do comunicador.

O EU/Samir (fig 02), ao nosso ver, não se preocupou com a presença constante da censura e respondeu que preferia sem saia e acrescentou, talvez para amenizar seu “atrevimento”, que a atriz estava linda toda de azul. O TU / Chacrinha (fig03) indaga mais uma vez: mas sem saia? Com o olhar para o jurado, e EU/Samir responde: sem saia. Dessa feita, refletimos em Benveniste (2006), que é através da relação inter-humana da comunicação que o homem é descoberto pelo exercício da língua.

A condução pelo apresentador do Programa Cassino do Chacrinha era repleta de subjetividade que, algumas vezes, nos pareceu que “tudo” poderia ser dito e que neste caso da atriz Claudia Raia os preconceitos contra a mulher e o “pudor” exigido por aqueles repressores da época na década de 1980 não tinha a menor importância.

Verificamos também que aqueles que eram indagados por Chacrinha, no caso do jurado Samir, parecia presumir que poderia responder qualquer coisa na certeza de que o Chacrinha se sairia muito bem, e assim pudemos analisar na indagação do Chacrinha e na resposta do Samir acima descritos.

Dessa forma, foi mostrada a relação triádica entre o olhar do Chacrinha para O Samir e o mesmo para Claudia Raia, voltando o olhar para Samir num intercâmbio Tomasselliano de interesses recíprocos que de acordo com Costa Filho(2015), o

processo de Atenção Conjunta é concebido sob um viés cultural na compreensão de si e do outro como agentes intencionais.

Análise de Programas televisivos em 1987

Nas análises abaixo, (5ª e 6ª análises) o programa do Chacrinha foi veiculado no dia 9 de maio de 1987, no dia em que se comemorava o DIA DAS MÃES. O apresentador vestiu-se como um menino marinheiro de calça curta, fantasia esta que retratava uma época em que as crianças se vestiam dessa forma; uma vestimenta da moda infantil do século XX.

O recurso enunciativo multimodal do Chacrinha caracterizava sobremaneira a forma infantilizada de uma figura que não só homenageava as mães brasileiras, mas o contexto “da criança\ inocente” que ao nosso olhar simbolizava a “pureza” da linguagem infantil que fala o que pensa “sem pensar” naquilo que fala.

Assim são as crianças, assim era o comunicador Chacrinha que através de uma vestimenta inocente pode penetrar nos lares de todo o Brasil: Um Brasil com suas riquezas naturais, sua beleza verde amarela e a pobreza perceptiva dos menos favorecidos. Assim também era Chacrinha, um comunicador cheio de contrastes, de emblemas, de choros e de risos como a nação brasileira e, também, considerado um Comunicador do “povo”.

5ª Análise: De 16:04 a 17:02

<p>Fig. 01 16:04</p>  <p>Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=ea5oFN2CJSQ</p>	<p>Fig. 02 16:08</p>  <p>Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=ea5oFN2CJSQ</p>	<p>Fig. 03 17:02</p>  <p>Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=ea5oFN2CJSQ</p>
--	---	--

Nessas figuras sequenciais (figuras 01, 02 e 03), Chacrinha conversa com o calouro Emilton, pede ao maestro para tocar a música e quando o calouro canta ele

usa seu famoso instrumento de “repressão” e ao mesmo tempo de alegria: a buzina dourada.

Quadro 05: Plano enunciativo e multimodal

Chacrinha – plano vocal	Chacrinha- plano gestual e do olhar	Interlocutor (calouro)
Vamos chamarrrrrrr Emilton!	Começa a pular acompanhando a música que toca na entrada do calouro	Olha para o Chacrinha
Boa tarde!	Olha para o calouro e aperta sua mão	
Vai cantar o que meu filho? Vai cantar o que meu filho?	Gesticula com as mãos no mesmo ritmo da fala	Memórias
Comoooooooo?????	Aproxima-se do calouro	Memórias
Você mora aonde?		Niterói
Em que lugar de Niteroi?		São Francisco
O que você acha desse auditório?		Olha para Chacrinha
As moças, o que você acha?		Bonitas, ótimas!
Maestro, tenha a bondade		O calouro canta por 2 segundos
	Utiliza sua buzina por 4 segundos	

Fonte: A autora

O Chacrinha quase sempre escolhia ou selecionava pessoas mais humildes para fazer parte do seu programa como calouro, além disso o comunicador já sabia que o calouro não iria ser aprovado pelos jurados. Barbosa e Rito (1996) diziam que o comunicador escolhia os piores “cantores” pois dessa forma aumentava seu lbope, já que a plateia se deleitava nas risadas após a “má” cantoria dos calouros.

Em nosso entendimento era possível ser uma maneira de trazer ao palco a classe menos privilegiada, uma forma do Comunicador interagir com esse público, até certo ponto discriminado pela sociedade mais elitizada. Decerto o calouro estaria diante do maior apresentador de auditório da televisão brasileira; o Chacrinha do povo;

o Chacrinha popularmente conhecido e querido; o Chacrinha desprovido “aparentemente” dos preconceitos sociais.

Quem não gostaria de se apresentar ao vivo no programa bastante conhecido em todo o Brasil? Ao enunciar-se com o calouro, o EU/Chacrinha e o TU/calouro, colocando então, segundo Benveniste (2006), as duas figuras na posição de parceiros como protagonistas da enunciação.” Acrescentamos ainda os dizeres de Valdir Flores para melhor acolher a ideia do discurso e do “agora”:

O presente é propriamente a origem do tempo. Ele é esta presença no mundo que somente o ato de enunciação torna possível, porque, é necessário refletir bem sobre isso, o homem não dispões de nenhum outro meio de viver o “agora” e de torná-lo atual senão realizando-o pela inserção do discurso no mundo”(FLORES,2013,p.38)

A relação entre o Chacrinha e o calouro, EU /Chacrinha e TU/calouro, quase sempre era amistosa. Vimos que o gesto de olhar para o calouro, o dizer um boa tarde, e a atitude gestual de cumprimentar o calouro no aperto de mão na sincronia gestovocal e na dêixis pessoal entre os dois sujeitos que se enunciaram, reforça a ideia do mestre francês: “Vê-se ainda como possível um estudo da linguagem enquanto ramo de uma semiótica geral que cobriria ao mesmo tempo a vida mental e a vida social” (BENVENISTE,2005,p.18). A linguagem também é um fato humano e um instrumento de interação entre a vida mental e a vida cultural, disso estamos convictos como pesquisadores.

O apresentador na análise da (fig 2) usa gestos ritmados e dêiticos associados a fala ao fazer a pergunta “vai cantar o que meu filho”, reforçando com a mãos e aumentado a voz quando repete a mesma pergunta. Segundo McNeill (1992), as quatro dimensões gestuais não são hierárquicas nem únicas ou isoladas, podendo um gesto ocupar dois conceitos que no caso do Chacrinha simbolizava a dêixis e o ritmo como dimensões fluidas, ou seja, podendo compor um mesmo gesto.

No entanto, quando o calouro continuava falando baixo o nome da música “memórias”, o Chacrinha muda de assunto perguntando aonde ele mora e essa mudança repentina nos faz perceber que sua enunciação foi totalmente modificada. A Chacrinha recorreu a perspectiva de sentido na linguagem, pois em Benveniste (2006) a linguagem significa e é de caráter primordial que ela signifique. A mudança de questionamento levou ao auditório ao interesse através da curiosidade em saber algo mais sobre esse calouro tão “tímido”.

O objeto usado por Chacrinha na última figura em análise (fig3) foi a buzina, utilizada por quatro segundos. Vimos que foi mais demorada (quatro segundos) o uso da buzina do que a fala do cantor, (dois segundos), tal observação nos faz perceber que quanto mais a plateia interagia mais o Chacrinha buzina. Essa forma de linguagem multimodal era usada quando o Chacrinha não aprovava o calouro que desafinava ao cantar. O auditório fica normalmente gritando de maneira efusiva e alegre com o gesto do Chacrinha apertando seu instrumento de “repressão” - a buzina dourada.

A buzina era um recurso interessante e chamativo e acompanhava os gestos do apresentador reforçando sua linguagem diferenciada. Poderemos nos deparar ao significado implícito desse instrumento multimodal da linguagem e sua significação benvenistiana nessa indagação: A quem o Chacrinha queria acordar quando buzina, não seria a população brasileira?

Diversas interpretações poderiam ser dadas quando se deparava com a figura emblemática do Chacrinha com a buzina pendurada no pescoço. O que significa uma simples buzina e para que serve? Um alerta, um acordar, um barulho que assusta, que diverte e que desperta? Não estaria o Chacrinha mostrando ao povo brasileiro que devemos despertar para a realidade da época, uma realidade massificada pela “prisão da fala”, pelas ideologias preconceituosas, vigiado pela censura e quem sabe uma série de outros “acordares” pois o “gigante pela própria natureza” estava submetido às imposições de uma sociedade talvez “disfarçada ou mascarada” e de uma política ditatorial.

Os gestos associados a fala do Chacrinha enriqueceram sua enunciação como sujeito no mundo. De acordo com Benveniste (2006), “a sociedade só se sustenta pelo uso comum de signos de comunicação”. Mostramos que se faz necessário o movimento dos gestos impulsionado pela fala sincronizados numa mesma perspectiva linguística. Essa junção enriquece a linguagem porque a “alma” se movimenta com as expressões do corpo e reflete no outro suas imagens também enunciativas e multimodais numa perspectiva única, irrepitível e indissociável.

Percebemos que o apresentador conversa com o calouro sobre sua vida pessoal quando indaga aonde mora e qual o local específico de Niterói. Além disso, o Chacrinha interage com a plateia quando pergunta ao calouro o que ele acha do auditório e das moças do auditório. Mais uma vez o Chacrinha reforça a importância

da atenção conjunta na relação triádica entre ele, o calouro e a plateia por um determinado tempo e no mesmo foco de interesse.

O Por que Chacrinha se comportava dessa maneira? Talvez não tenhamos uma resposta exata, no entanto poderemos supor que seu comportamento dava resultados televisivos interessantes. Acreditamos que, nas cenas inerentes a atenção conjunta, a interação triádica possibilita um maior alcance entre os sujeitos na perspectiva intersubjetiva da linguagem humana. De acordo com Costa Filho (2015), a medida que a rotina da interação entre os sujeitos for estabilizada maior será a compreensão do elemento foco no contexto da atenção conjunta.

6ª Análise; de 15:13 à 15:54

Fig. 01 15:13	Fig. 02 15:16	Fig. 03 15:54
		
Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=ea5oFN2CJSQ	Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=ea5oFN2CJSQ	Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=ea5oFN2CJSQ

Nas figuras acima (01, 02, 03), o comunicador Chacrinha após a caloura Rosana cantar toda a música e ouvir a aprovação dos jurados, ele chama o maestro para julgar a caloura e, por último, pergunta ao auditório se a caloura vai para o trono.

Quadro 06: Plano enunciativo e multimodal

Chacrinha – plano vocal	Chacrinha - plano gestual e do olhar	Interlocutor (jurado/auditório)
Vai falar o bestalhão.	Aponta com a mão em direção aos jurados e a plateia	
		Guerreiro! Que as mães dessas meninas deem um pouco mais de educação musical, e eu o maestro estou pedindo. A menina até que canta relativamente bem, mas ficou olhando pra

		minha cara e por isso ela não vai para o trono.
		Algumas meninas do auditório ficam assanhando o cabelo do maestro no mesmo momento da sua fala em cenas de atenção conjunta coletiva
Alô! Vai ou não vai? Vai ou não vai?	Segura o braço da caloura e olha para o auditório	Vai, diz o auditório

Fonte: A autora

Chacrinha homenageava o “Dia das Mães” levando seus filhos a um “trono” fictício, mas bastante representativo para o coração do Brasil independente de regras, num reinado idealizado por Chacrinha que atingia os corações maternos. Sendo assim, nos cabe fazer uma alusão a Benveniste (2006, p.99), onde “nada pode ser compreendido-é preciso se convencer disto - que não tenha se reduzido à língua”. Há, portanto, a língua para conceitualizar e interpretar a experiência e a natureza e é neste composto que denominamos sociedade.

No primeiro momento podemos perceber que quando a cantora se apresenta afinada, o auditório fica pulando de alegria a cada palavra de aprovação dos jurados. No entanto, quando o Chacrinha chama o jurado maestro Edson, a plateia já começa a vaiar. O apresentador diz: Vai falar o bestalhão! E com gestos dêiticos aponta para os jurados e para a plateia fazendo referência ao jurado Edson, que além de participar do corpo de jurados é também chamado de maestro por Chacrinha.

O Chacrinha escolheu um “maestro” para compor o corpo de jurados de seu Programa. Sabemos que o profissional que exerce a função de maestro exerce uma função entre os músicos de orquestrá-lo numa sintonia de embelezamento das notas musicais e fazendo com que os ouvintes se deleitem com a música numa total harmonia de seus instrumentos musicais. No entanto, o maestro do Chacrinha ocupa a posição de opositor; daquele homem que é do contra; da pessoa que se posiciona de forma radical e que nega a postura do calouro nas suas apresentações, sejam afinados ou não.

Vejamos então as duas vertentes analisadas: Quem seria esse calouro que clama por um espaço artístico de ser feliz mostrando seus íntimos talentos, abrindo a “porta” de um “palco” de oportunidades futuras? Chacrinha não estaria oferecendo essa oportunidade ao calouro? E quem seria a figura representada por um maestro que impede, que grita, que cerceia o direito dessa suposta felicidade?

Podemos supor a “intencionalidade” do Chacrinha que de uma maneira engraçada fazia a plateia sorrir e vaiar o calouro. Entretanto, em outra vertente, o Chacrinha poderia está usando a imagem do maestro “endurecido e radical” para mostrar como os artistas viviam, reprimidos na sua linguagem. Nesse contexto, Chacrinha ridicularizava, algumas vezes, a presença desse “maestro” representado pelo “poder” antidemocrático da época.

Dessa forma, tanto o Eu/Calouro ou povo brasileiro e o TU/maestro ou repressor mostravam, na dêixis pessoal que os mesmos se enunciavam, a forma da existência de uma repressão à liberdade de expressão. A linguagem enunciativa e multimodal no programa do Chacrinha nos parece clara quando se olha sobre essas duas óticas: a figura de um maestro visto como mau que dizia “não vai para o trono”, “não gostei”, “não aprovo” e a resposta do Chacrinha chamando o mesmo de bestalhão, dito pelo apresentador na figura (01).

Não seria uma maneira jocosa que o comunicador encontrou de defender o público brasileiro ao chamá-lo de “bestalhão”? Não seria o que o povo queria falar? De acordo com Benveniste (2006, p.99), “Há a propriedade que é constitutiva de sua natureza de ser formada de unidades significantes, e há a propriedade que é constitutiva de seu emprego de poder arranjar estes signos de maneira significativa”. Dessa forma, Chacrinha poderia estar se utilizando da palavra “bestalhão” para fazer alusão aos censores que frequentavam seu programa.

Vejamos que é possível verificar que existe uma relação enunciativa e multimodal nas apresentações desse programa. As ideias de forma e sentido expressa por Benveniste (2006, p.223), “todo e qualquer modelo significativo que possamos construir será aceito na medida em que parecer em tal ou tal de seus aspectos àquele da linguagem”. Assim sendo, buscamos compreender as concepções mostradas no programa do Chacrinha e acrescentaríamos, ainda, que esses “aspectos” referenciados pelo mestre francês, Èmile Benveniste, poderiam estar relacionados aos múltiplos aspectos multimodais da linguagem,

Por meio de tantas palavras expressas pelo maestro na figura (02) no que concerne a solicitação das mães em educar seus filhos (a plateia) e a negação em colocar a caloura no trono, algumas pessoas do auditório ficam colocando as mãos nos seus cabelos, através de gestos manuais significativos de intolerância, e ao mesmo tempo de brincadeira para com o maestro no momento da sua fala. Esse

entrosamento entre o maestro, o auditório, o Chacrinha e a caloura nos remete a interação dos elementos que compõem uma atenção conjunta coletiva/colaborativa.

A última imagem fig(03) o Chacrinha segura no braço da cantora e com um gesto dêitico apontando para a plateia e falando ao mesmo tempo na indagação de que a cantora iria para o trono ou não. O apresentador “irreverente” mostra que o jurado que desaprova a caloura Rosana não exerce papel relevante, pois a mesma cantou com beleza e afinação e por isso iria ao trono já que o auditório também aprovou. A dêixis pessoal entre EU/Chacrinha e Tu/plateia ou Eu/plateia e TU/Chacrinha, apoiando-nos nas ideias de Benveniste (2006, p.221) veremos que “A presente exposição é um esforço para situar e organizar estas noções gêmeas de sentido e de forma, e para analisar suas funções fora de qualquer pressuposto filosófico”.

O “trono” que o Chacrinha falava quando um calouro cantava bem, talvez tivesse referência ao “reinado” que uma minoria da sociedade brasileira ocupava. No entanto, naquele momento o seu calouro merecia toda glória para chegar ao trono dos seus “sonhos”. Os elementos dêiticos pessoais mostram que o EU/Chacrinha e o TU/plateia através dos gritos e aplausos se enunciaram. Façamos alusão as ideias de Fiorin (2018), “A linguagem não se destina somente a informar, a influenciar, a exprimir, emoções e sentimentos, a criar ou manter laços sociais, mas ela serve também para falar sobre a própria linguagem”(FIORIN,2018,p.22)

O Chacrinha ao falar: vai para o trono!; a plateia aplaudia e vice-versa, numa junção multimodal no que Ávila-Nóbrega (2018,p.12) chamaria de Envelope Multimodal “o encapsulamento de vários modos de funcionamento da linguagem, em situações de uso real” – uma linguagem entre os gestos dos aplausos, a fala e o olhar do comunicador, um “Envelope” que guardava algumas formas linguísticas de se expressar.

Dessa feita, o “menino” vestido de marinheiro conseguiu alavancar gritos, risos, gestos efusivos do auditório com o maestro. Encantaram as telas da televisão de um Brasil “envelopado” por atitudes repressoras e censuradas onde este “envelope” não podia ser aberto ao bel prazer da vontade da população brasileira, mas que no Programa do Chacrinha isso era “possível”.

Análise dos Programas em 1988

Em alguns programas do Cassino do Chacrinha, vimos que o apresentador homenageava os que eram reconhecidos pela mídia como melhores no âmbito

artístico, musical, desportivo e tantos outros. O programa analisado foi exibido em 1988 onde o apresentador estava com uma fantasia carnavalesca de “colombina”. Dessa vez, o coroado foi Renato Gaúcho, jogador do clube Flamengo do Rio de Janeiro.

Mostraremos o quanto o Chacrinha enaltecia os profissionais considerados os melhores em meio a sociedade e que os telespectadores vibravam com a presença de cada um. Este recorte do Jogador nos leva a refletir aquilo que em Benveniste (2006) nos trouxe em seus estudos sobre *Estrutura da língua e da sociedade*”, considerando que a língua interpreta a sociedade e esta torna-se significativa na e pela língua.

7ª Análise: de 10:03 à 10:56

Fig. 01 10:03	Fig. 02 10:11	Fig. 03 10:56
		
Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=OmL3uCqxVDY	Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=OmL3uCqxVDY	Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=OmL3uCqxVDY

No contexto enunciativo e multimodal representados pelas figuras 01,02 e 03, o Chacrinha enaltece a figura do jogador Renato Gaúcho do clube Flamengo de futebol do Rio de Janeiro que foi eleito como o melhor jogador de 1987 e realiza o coroamento do “Rei do futebol”, ofertando um troféu denominado de “Velho Guerreiro” e uma coroa de rei.

Quadro 07: Plano enunciativo e multimodal

Chacrinha – plano vocal	Chacrinha- plano gestual e do olhar	Interlocutor (jogador Renato Gaúcho e o auditório)
Renato é bom de mulher e bom de bola de fato	Olha para o auditório e gesticula com as mãos apontando para o auditório	A plateia grita e aplaude efusivamente
Renato aqui está pra você o troféu do velho guerreiro pelo melhor jogador de 1987- pra você e pro seu flamengo.	Com o olhar para o jogador e a mão aberta e direcionada ao jogador	-Obrigado Chacrinha!

Palmas pra ele, que ele merece	Aponta para o jogador com a mão estendida	É muito espontâneo receber Esse troféu, significa muito, muito mesmo, do fundo do meu coração, muito obrigado !
Aqui neste auditório eu coroei Roberto Carlos, o rei da juventude brasileira. E hoje numa pesquisa realizada você foi apontado em todo Brasil como o jogador mais bonito, mais craque, mais charmoso, ídolo das mulheres e dos homens também. Aqui está a coroa do rei do futebol		Toca o hino do flamengo e o auditório aplaude e grita

Fonte: A autora

Chacrinha apresenta o jogador de duas maneiras: bom de mulher e bom de bola de fato, olhando para o auditório e apontando com as mãos o seu convidado num gesto dêitico em direção a plateia. Na matriz gesto-vocal, percebemos que o Chacrinha enfatizou a imagem do jogador por meio da concepção de querido pela classe feminina, razão pela qual o público basicamente de mulheres no palco respondeu efusivamente.

O apresentador sabia qual o ponto alvo para levantar aplausos e gritos do auditório. Talvez essa seria uma das razões fortes da grande audiência televisiva. A categoria da dêixis pessoal onde Eu / Chacrinha e TU/ auditório se apresentam e questão gestual através do olhar e do gesto dêitico apontando para o jogador com a mão aberta e direção ao auditório numa sincronia indissolúvel e inseparável da matriz gesto-fala, nos mostra que os gritos e aplausos do auditório contextualiza os requisitos da Enunciação em Benveniste em que “Uma teoria linguística da pessoa verbal só pode constituir-se sobre a base das oposições que diferenciam as pessoas, e se resumirá inteiramente na estrutura dessas oposições” (BENVENISTE,2005, p.250).

Acrescentamos, pois, a relevância do estudo em Benveniste na mesma página acima descrita No Problemas de Linguística Geral I, quando assim expõe: “EU designa aquele que fala e implica ao mesmo tempo um enunciado sobre o EU: dizendo EU, não posso deixar de falar de mim”. Dessa forma, o que caracteriza a existência da linguagem enunciativa do Chacrinha é a presença de TU que se transforma no Eu que não pode ser pensado sem a existência do outro.

O apresentador se enuncia mais uma vez quando dá ao jogador o troféu do “Velho Guerreiro” para ele e para o Flamengo, como melhor jogador de 1987. O Eu/Chacrinha fala do troféu, olha para o jogador e com as mãos dirigidas no gesto dêitico aponta para o mesmo. O TU/jogador, agradece ao Chacrinha. Em seguida o TU/apresentador com as mãos estendidas para ele pedes palmas a plateia dizendo que ele merece os aplausos. O EU/jogador se enuncia dizendo que o troféu significa muito para ele do fundo do seu coração.

O Tu/Chacrinha menciona a coroação por ele do rei e cantor Roberto Carlos e que por isso iria coroar o melhor jogador.

Devemos pensar em que sentido podemos colocar a coroa em alguém? A coroa representa enaltecer alguém por algum mérito. O que Chacrinha fazia quando engrandecia os profissionais “ aplaudidos” pela nação brasileira? Quem sabe pudessem ter momentos gloriosos e quando chegava ao “palco” desse universo juntava-se a sociedade mais modesta para que ela mesma coroasse com Chacrinha aqueles que eram fãs e dessa forma conseguiam “gritar”, “sorrir”, e “cantar” de maneira conjunta e igualitária.

Percebemos, no entanto, que a coroa colocada no jogador não era uma coroa dourada de “rei” mas uma coroa que simbolizava as cores do Clube do Flamengo, então podemos interpretar que o jogador Renato Gaúcho era o “rei” do Flamengo e não do futebol. De uma forma ou de outra, Chacrinha conseguia unir naquele instante a toda população que o assistia. Alienava-os, diante da situação precária do país? Ou ajudava-os a recuperar um pouco da autoestima se sentindo feliz e bem perto dos “reis” que o Chacrinha coroava? Que importa? Se o desempenho do Chacrinha alimentava a felicidade do povo, isso bastava, pois ao nosso ver, não era o Chacrinha que tinha o “poder” de alienar a ignorância política dessa sociedade.

Após a coroação, os músicos tocaram o hino do Flamengo e o Eu/plateia gritava e aplaudia. Assim sendo podemos perceber a cena de Atenção Conjunta coletiva entre o Chacrinha, o jogador, a coroa e a plateia, que segundo Melo (2015) há uma permanência atenta entre todos que interagem com a cena de Atenção Conjunta coletiva/colaborativa proporcionando a manutenção da mesma.

Na 8ª análise do Programa foi filmado em 30 de junho de 1988, dia do seu falecimento, e exibido em 2 de julho de 1988, o Chacrinha estava vestido de um infantil estudante com o chapéu do animal burro na cabeça. Antes de ir ao ar, o João Kleber, que dividia o programa com o Chacrinha fez uma homenagem de abertura ao

apresentador dizendo: Um homem forte; forte e alegre, assim foi o Velho Guerreiro no último dia de gravação que fizemos juntos no palco do teatro Fênix. Foram horas de alegria, de brincadeira, de irreverência. No Camarim, depois do Programa, o Chacrinha emocionado com o carinho do auditório virou-se pra mim e disse: João Kleber, arrebentamos!

8ª Análise: de 10:19 à 10:30

Fig. 01 10:19	Fig. 02 1:56	Fig. 03 10:30
		
Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=Hai7GA6s1B4	Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=Hai7GA6s1B4	Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=Hai7GA6s1B4

Neste contexto enunciativo e multimodal das figuras 01,02 e 03, o Chacrinha chama por Terezinha, sua “musa inspiradora”, e a plateia responde, em seguida anuncia João Kleber e a plateia pula, grita e dança de alegria, e João Kleber beija a mão do Chacrinha.

Quadro 08: Plano enunciativo e multimodal

Chacrinha – plano vocal	Chacrinha- plano gestual e do olhar	Interlocutor (Apresentador:João Kleber e a plateia)
Alô atenção ! Terezinhaaaaaaa!!!! Terezinhaaaaaaa!!!!	Olhando e aponta com as mãos para a plateia	A plateia responde duas vezes Huuuuuuuuu ! Huuuuuuuuu!
E agora para comandar o Cassino do Chacrinha juntamente com o velho guerreiro. Eu vou trazer o melhor humorista, o maior imitador da América do Sul.O gato: João Kleber!	olhando para a plateia	A plateia delira, pula, grita e dança João Kleber se abaixa e beija a mão do Chacrinha

Fonte: A autora

O apresentador Chacrinha adentra ao palco do teatro e chama por Terezinha, como sempre se enunciava. O EU/Chacrinha dizia: Alô atenção, Terezinhaaaa, huuuuuuuuuuuu e o Tu auditório respondia “huuuuuuuuuuuuuuu”, por duas vezes consecutivas, O EU/Chacrinha e o TU/.plateia e o EU/plateia e o TU/Chacrinha. A relação benvenistiana entre o EU e TU e o gesto dêitico, onde o mais conhecido é o de apontar para um objeto, ou entidade, ou evento, que na análise mostramos que o Chacrinha direcionou sua mão a plateia no mesmo momento linguístico da vocalização que representa uma indissolubilidade mencionada em McNeill (2002) denotando uma relevante junção entre gesto e fala de forma a mostrar a linguagem enunciativa/multimodal do apresentador.

Mas afinal quem era essa Terezinha? Muitos pensavam ser a sua esposa, mas alguns sabiam que sua esposa se chamava Florinda. Outros diziam que era um amor virtual que o Chacrinha escondia. Conforme Barbosa e Rito (1996), existiam várias versões sobre Terezinha, seu irmão Jarbas garantia ser uma fã que ligava na época da Rádio Niterói e mesmo sem nunca tê-la visto, o apresentador se apaixonara. O escritor Nelson Rodrigues dizia que só a Capitu do escritor Machado de Assis era comparável a Terezinha do Chacrinha. No entanto, o apresentador afirmava que Terezinha servia para rimar com Clarinha, nome de uma água sanitária que patrocinava seu programa e quando interrompido o patrocínio necessitava ser substituído por outro nome. Mas Mariazinha, nome tão popular no Brasil, também rimaria com Clarinha, por que não usá-lo? Será que Terezinha realmente não existia?

Em quaisquer circunstâncias, ou seja, qual for o motivo do apresentador, o que importa é que a Terezinha “aclamada” pelo Chacrinha e seu “grito de guerra” agradou a plateia até porque o nome Terezinha foi popularizado por Chacrinha e a plateia abraçava com afinco essa popularidade. Segundo Benveniste (2005, p.288), “A que, então se refere o EU? A algo muito singular, que é exclusivamente linguístico”. O Chacrinha falou várias vezes essa aclamação, mas em todas as vezes existiu em um determinado espaço e tempo (hic e nunc), nas categorias inerentes a dêixis pessoal denominada de EGO. Isto porque a enunciação é irrepetível, sempre há uma referência eternamente presente do enunciado.

Chacrinha se apresenta nas figuras acima com a roupa de estudante e dessa vez diferentemente da roupa infantil de marinheiro da 6ª análise, onde ele

homenageava o Dia das mães. Sua vestimenta infantil além de brilhosa ainda colocou um chapéu cuja configuração é do animal “burro”. O que o Chacrinha queria dizer com essa linguagem multimodal? Será que mesmo com a chegada lenta de uma “democracia”, o povo brasileiro ainda não tinha acordado para a realidade brasileira? Essa foi a última vez que o Chacrinha se apresentou em público e na vida; foi sua última linguagem no mês de junho de 1988. Os brasileiros ainda tinham muito o que aprender!

Vimos que o Chacrinha apresenta o João Kleber como o maior humorista e imitador da América do sul, enaltecendo sua imagem e acrescentando que este “gatão” comandaria o programa juntamente com o “Velho guerreiro”. Essa forma do Eu/Chacrinha chamar o João Kleber ao palco fez com que o TU/plateia gritasse, aplaudisse e de forma entusiasmada clamasse pelo nome de João Kleber. Essa relação do EU/Tu em Benveniste faz da enunciação se intercalar quando os aplausos surgem o Tu/plateia se transforma no EU/Plateia e faz do instante presente uma referência linguística incomparável a qualquer outro momento.

Mostramos a cena de Atenção Conjunta entre o Chacrinha, a plateia e o João Kleber, quando este último entra no palco após ser enunciado pelo apresentador e num gesto de respeito, cumprimento e admiração beija as mãos do Chacrinha e recebe os aplausos do auditório. Em Tomasello (2003), a relação triádica foi estabelecida em cenas de Atenção conjunta no mesmo foco de interesse recíproco e definidos como interações sociais por um tempo ou período razoável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A linguagem enunciativa e multimodal do Chacrinha repleta de subjetividade tem um caráter colaborativo e participativo com a sociedade brasileira, uma vez que revela a repressão política e cultural de uma época ditatorial e traz de volta a imagem do maior comunicador da televisão do século passado nos anos de 1980 e que até este século XXI, em 2020, é lembrado como um marco na história da comunicação.

Vimos que a riqueza da linguagem do comunicador Chacrinha pode ser caracterizada por sua fala irreverente, comovente e em alguns momentos engraçada que levava aos lares brasileiros uma “fantasia” que se misturava com a “realidade” vivida pela nação brasileira. Chacrinha enunciava-se a cada instante e através de suas diversas formas de se comunicar, tanto pelas roupas coloridas e caracterizadas, quanto pelos gestos fazia renascer um “novo” espetáculo linguístico dentro do palco e fora dele.

Chacrinha foi considerado pela crítica nacional como o maior comunicador da televisão brasileira, isso já sabemos. Entretanto, ser considerado um grande comunicador em época de ‘guerra’ ditatorial é o que faz deste homem, talvez, um comunicador inusitado. A fala reprimida pela censura mas que não deixa de dar “voz” aqueles que queriam ouvir um pequeno “sussurro” de ideias interiores, de emoções veladas, de sentimentos retraídos.

O Chacrinha se enunciava quando falava e buzinava ao mesmo tempo, um contexto enunciativo-multimodal, termo este embora pouco conhecido no universo científico não deixa de ser relevante para novas pesquisas mesmo porque ao enunciar-se alicerçava a junção entre os gestos e a fala amparando-nos na perspectiva enunciativa/multimodal. Perspectiva, esta, pertinente para expandir essa pesquisa em outras áreas da linguagem.

Essa riqueza de elementos linguísticos, culturais, políticos e históricos ressaltou sua importância como objeto de estudo, a linguagem enunciativa e multimodal do comunicador Chacrinha, por se tratar de uma análise linguística em enunciados tidos como inusitados, de uma semântica intencional e de marcas semióticas em seus gestos diferenciados que acompanhavam sua fala em toda sua apresentação.

Vimos que a linguagem do Chacrinha trazia marcas de um ser enunciativo exercendo uma semântica intencional na relação do comunicador com o povo brasileiro nas imagens semióticas dos seus gestos e nas suas fantasias apropriadas ao instante em que ele se enunciava.

Mostramos a importância da sincronia gesto-fala na mesma matriz de significação, e as dimensões gestuais sob o olhar de McNeill, assim como a teoria da enunciação de Èmile Benveniste dando enfoque aos elementos dêiticos, em especial a categoria de pessoa na relação Eu/Chacrinha e Tu/povo brasileiro. Dessa feita, acreditamos que alcançamos os objetivos específicos desse estudo.

Percebemos a relevância dos estudos da Atenção Conjunta na fase adulta, quando mostramos o Chacrinha chamando a atenção do auditório em interesse recíproco por um determinado tempo enaltecido pelos aplausos, gritos e risos de uma plateia quando usava este recurso enunciativo e multimodal. Dessa feita, abrimos um novo caminho para aqueles que estudavam a multimodalidade em cenas de Atenção Conjunta na fase infantil de aquisição da linguagem, podendo novos conceitos e descobertas na fase adulta.

Vale dizer que o Chacrinha continua vivo no coração daqueles que viveram o momento histórico brasileiro nos anos de 1980 e que relembra através de homenagens interpretadas por Stepan Necessian na última série transmitida pela televisão Globo em 2020. Certamente, não é a toa que Chacrinha renasce a cada dia, afinal de contas passaram 32 anos desde a sua morte em 1988 e ele continua sendo homenageado.

Precisamos também deixar claro a possibilidade de reavivar a imagem do comunicador, principalmente para aqueles que nasceram após a década de 1980 e que só puderam ter conhecimento do Chacrinha pela mídia televisiva deste novo século. Este legado, possivelmente servirá de apoio a informações aos jovens, pesquisadores ou não, que terão acesso direto através da tecnologia da informática e o registro escrito desse estudo na relação enunciativa multimodal.

Presumimos, enfim, que essa pesquisa poderá corroborar com novas perspectivas enunciativas multimodais dentro do universo linguístico, além de eternizar a figura emblemática e excêntrica do comunicador Abelardo Barbosa “Chacrinha”.

REFERÊNCIAS

- ABREU, A. A. **1964**: a imprensa ajudou a derrubar o governo Goulart. In: FERREIRA, M.M. João Goulart: entre a memória e a história. Rio de Janeiro: FGV, 2008.
- ASSIS, J.P. **Kuhn e as ciências sociais**. Estudo avançados. São Paulo, v.7, n.19, p. 133-164, 1993.
- ÁVILA-NOBREGA, P.V. **O estudo do envelope multimodal como uma contribuição para aquisição da linguagem**. 1ed. Curitiba: Appris, 2018.
- _____. **O envelope multimodal em aquisição da linguagem**. Capítulo 1 In: CAVALCANTE, M.; FARIA, E. Cenas em aquisição da linguagem, Multimodalidade, atenção conjunta e subjetividade. João Pessoa: UFPB, 2015
- BARBOSA, F. **Quem não se comunica se trumbica**: biografia de Abelardo Chacrinha Barbosa/ Florinda Barbosa. São Paulo: Globo, 1996.
- BARROS, A. **Prosódia e gestos**: caracterizando a matriz multimodal nas interações adulto-criança. Capítulo 2. In: CAVALCANTE, M.; FARIA, E. Cenas em aquisição da linguagem. Multimodalidade, atenção conjunta e subjetividade. João Pessoa: UFPB, 2015
- BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral I**. Tradução de M. da G. Novak et al. Campinas: Pontes Editores, 2005.
- _____. **Problemas de linguística geral II**. Tradução de Eduardo Guimarães et al., 2ed. Novak et al. Campinas: Pontes Editores, 2006.
- _____. **Últimas aulas no Collège de France** (1968 e 1969). Edição estabelecida por Jean-Claude Coquet e Irène Fenoglio. Trad. Daniel Costa da Silva et al. 1.ed. São Paulo: Unesp, 2014.
- BERGSON, H. **O riso**: Ensaio sobre a significação da comicidade. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- CARVALHO, C. **Para compreender Saussure**: fundamentos e visão crítica. 20ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.
- CAVALCANTE, M.; BRANDAO, L. **Gesticulação e influência**. Contribuições para a aquisição da linguagem. Cadernos de estudos linguísticos, v.54, n.1, Campinas, Jan/jun, 2012.
- CAVALCANTE, M.; FONTE, R.F.L. **Interface da pisco linguística e da fonoaudiologia na linguagem oral**. 1ed. Curitiba: Appris, 2016.
- CHIAVENATO, J.J. **O golpe de 64 e a ditadura militar**. São Paulo: Moderna, 1995.
- COUTO, R.C. **História indiscreta da ditadura e da abertura**. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- COSTA-FILHO, J.M. **Notas sobre a tensão conjunta**: teoria, contextos e formatos. Capítulo 5. In: CAVALCANTE, M.; FARIA, E. Cenas em aquisição da linguagem. Multimodalidade, atenção conjunta e subjetividade. João Pessoa: UFPB, 2015
- DELGADO, I. **Uma análise sobre o estilo na língua brasileira de sinais na perspectiva da multimodalidade**. Capítulo 4. In: CAVALCANTE, M.; FARIA, E. Cenas em aquisição da linguagem. Multimodalidade, atenção conjunta e subjetividade. João Pessoa: UFPB, 2015
- FIORIN, J.L. **Linguística? Que é isso?** 1ed, São Paulo: Contexto, 2018.

- FONTE, R.F.L. **Aquisição da linguagem e cegueira**: uma abordagem multimodal. Capítulo 6. In: CAVALCANTE, M.; FARIA, E. *Cenas em aquisição da linguagem. Multimodalidade, atenção conjunta e subjetividade*. João Pessoa: UFPB, 2015
- _____; RÊGO BARROS, I.B. **Estereotípias motoras no funcionamento multimodal da linguagem**: discussões no campo do autismo (Motor stereotypes in multimodal language functioning: discussions in the field of autism). *Estudos da Língua(gem)*, [S.l.], v. 17, n. 1, p. 127-140, mar. 2019. ISSN 1982-0534. Disponível em: <<http://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/5318>>. Acesso em: 20 jan. 2020. doi: <https://doi.org/10.22481/el.v17i1.5318>.
- FLORES, V.N. **Saussure e Benveniste no Brasil**: quatro aulas na École Normale Supérieure. São Paulo: Parábola, 2017.
- GASPARI, E. **A ditadura derrotada**. São Paulo: Companhia das letras, 2003.
- GURGEL, J.A.A. **Segurança e democracia**: uma reflexão política sobre a doutrina da escola superior de guerra. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1975.
- JACOBSON, R. **Linguística e comunicação**. 22ed. São Paulo: Cultrix, 2010
- JAMBEIRO, O. **A TV no Brasil do século XX**. Salvador: EDUFBA, 2001.
- KUHN, T.S. **A estrutura das revoluções científicas**. São Pulo: Perspectiva, 1978.
- MARCUSCHI, L.A. **Análise da conservação**. 5ed. São Paulo: Atica, 2003.
- MATTOS, S. **Um perfil da TV Brasileira**: 40 anos de história - 1950/1990. Salvador: Associação Brasileira de Agências de Propaganda/ Capítulo Bahia: A TARDE, 1990.
- MELO, G. **Cenas de atenção conjunta entre crianças em processos de aquisição da linguagem**. Capítulo 7. In: CAVALCANTE, M.; FARIA, E. *Cenas em aquisição da linguagem. Multimodalidade, atenção conjunta e subjetividade*. João Pessoa: UFPB, 2015
- MCNEILL, D. **Soy think gestures are nonverbal?** *Psychological Review*, v. 92, 1985.
- MIRA, M. C. **Circo eletrônico**. Silvio Santos e SBT. São Paulo: Loyola, 1995.
- MONTEIRO, D.; NASSIFE, E. **Chacrinha**: A biografia. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2014.
- NÓBREGA, M. **O Ponto de vista do sistema**: possibilidade de Leitura da linguística geral de Ferdinand de Saussure. Joao Pessoa: UFPB, 2013.
- RÊGO BARROS, I.B.; FONTE, R.F.L.; SOUZA, A. (2020). **Ecolalia e gestos no autismo**: reflexões em torno da metáfora enunciativa. *Forma y Función*, 33(1), 173-189. <https://doi.org/10.15446/fyf.v33n1.84184>
- RESENDE, M.R. **Contexto**: auge e declínio da ditadura militar, 2018. Disponível em <https://www.com.br/constituicao-de-1988/> Acesso em 20 de setembro de 2019.
- RUIZ, R. **Hoje tem espetáculo?** As origens do circo no Brasil. Rio de Janeiro: Inacen, 1987.
- SANSSURE, F. **Curso de linguística geral**. 28ed. São Pulo: Cultriz, 2018.
- SANTANA, M.I. **Censura no período da ditadura**. Disponível em <http://www.infoescola.com/historia/censura-no-periodo-da-ditadura/>. Acesso em 21 de outubro de 2019.

SILVA, P. Índícios da fluência multimodal na produção holófrases e blocos de enunciado na criança em processo de aquisição da linguagem. Capítulo 3. In: CAVALCANTE, M.; FARIA, E. Cenas em aquisição da linguagem. Multimodalidade, atenção conjunta e subjetividade. João Pessoa: UFPB, 2015

ZYLBERZTAJN, A. Revoluções científicas e ciências normal na sala de aula. In: MOREIRA, M.A.; AXT, R. Tópicos em ensino de ciência. Porto Alegre: Sagra, 1991.